

ESCOLA DE GUERRA NAVAL

CC (FN) CARLOS ALBERTO FARAGE DE LYRA JUNIOR

FUNDAMENTOS DA OFENSIVA DO CORPO DE FUZILEIROS NAVAIS:
estudo da Operação *IRAQI FREEDOM*

Rio de Janeiro

2021

CC (FN) CARLOS ALBERTO FARAGE DE LYRA JUNIOR

FUNDAMENTOS DA OFENSIVA DO CORPO DE FUZILEIROS NAVAIS:
estudo da Operação *IRAQI FREEDOM*

Dissertação apresentada à Escola de Guerra Naval, como requisito parcial para a conclusão do Curso de Estado-Maior para Oficiais Superiores.

Orientador: CMG (FN) Glaucio R. Junior

Rio de Janeiro
Escola de Guerra Naval

2021

AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Capitão de Mar e Guerra (FN) Glaucio Rodrigues Junior, pela enriquecedora experiência que agregou na construção da pesquisa e pela ajuda a alcançar os objetivos desta dissertação.

Ao Capitão de Mar e Guerra (Ref °) Cláudio Marin e Capitão de Fragata (RM1) Ohara B. Nagashima, pelas orientações e suas aulas, que em muito contribuíram para definir o caminho a ser seguido, ainda quando não sabia qual rumo adotar.

Aos meus amigos da Turma C-EMOS 2021, pelo companheirismo e camaradagem durante o curso.

À minha esposa Tatiane, meus filhos Arthur e Helena, pelo amor, carinho, incentivo que proporcionaram durante todo o curso, que me ajudaram manter o foco nos momentos de tribulação.

A minha irmã Adria, por ter estado ao meu lado em todos os momentos difíceis que passamos neste ano. A sua força foi a minha força e sem você essa jornada teria sido muito mais pesada.

A minha mãe Maura, meu padrasto Antônio pelo carinho que deram a minha esposa e meus filhos, ajudando-os a passar pelos momentos de minha ausência.

A meu pai Carlos Alberto Farage de Lyra, que nos deixou em 2021, para estar ao lado do nosso Senhor Jesus Cristo, que sempre me motivou a perseguir os meus sonhos e me dedicar a carreira naval.

Ao nosso Senhor Jesus Cristo, que sabe de todas as coisas, a quem peço que me ilumine todos os dias. O melhor de Deus ainda está por vir!

Preparar iscas para atrair o inimigo, fingir desorganização e depois esmagá-lo... Quando perto, fazê-lo acreditar que estamos longe. Quando longe, vice-versa... Se ele for superior, evite combater. Se ele for temperamental, procure irritá-lo. Finja estar fraco, ele se tornará arrogante. Se ele estiver tranquilo, não lhe dê sossego. Ataque onde e quando ele se mostrar despreparado. Apareça quando não estiver sendo esperado.

(SUN TZU, 500 a.c)

RESUMO

O objetivo da pesquisa é identificar na participação dos Fuzileiros Navais estadunidenses, durante a Operação *Iraqi Freedom*, em 2003, durante a Ofensiva que saiu do Kuwait em direção a Bagdá, os Fundamentos da Ofensiva descritos pelo Comando-Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. A partir da análise da ação do I *Marine Expeditionary Force*, confirmar os Fundamentos da Ofensiva do Corpo de Fuzileiros Navais e identificar oportunidades de melhoria à Doutrina. Foi utilizado a Doutrina do Corpo de Fuzileiros Navais brasileiro, do Corpo de Fuzileiros Navais estadunidense e a Teoria do “Choque e Pavor” escrita por Harlan K. Ullmann (1941 -) e James P. Wade (1930 -) como apoio a pesquisa. A aplicação dos Fundamentos da Ofensiva é testada no cenário da Guerra do Iraque, em 2003, na Operação *Iraqi Freedom*, que teve grande influência dos conceitos lançados Ullmann e Wade. A análise da operação ofensiva realizada pelos Fuzileiros Navais estadunidenses, à luz da Doutrina do Corpo de Fuzileiros Navais brasileiro permitiu confirmar a semelhança da Doutrina dos dois países. A pesquisa indicou não haver ganho doutrinário para os Fundamentos da Ofensiva do Corpo de Fuzileiros Navais brasileiro, quando confrontados com os pontos de destaque da Teoria do “Choque e Pavor” e que tanto no nível tático, quanto no nível operacional, os Fundamentos da Ofensiva devem ser aplicados pelos comandantes, sendo que no nível tático eles são mais decisivos.

Palavras-chave: Fundamentos da Ofensiva. “Choque e Pavor”. Fuzileiros Navais. Operação *Iraqi Freedom*.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

FIGURA 1- Manobra da 3ª Divisão de Infantaria, do I <i>Marine Expeditionary Force</i> (MEF) ¹ e 1ª Divisão Blindada Britânica.	54
FIGURA 2- As unidades deveriam ser enviadas para o Kuwait a partir de portos, bases e estações aéreas da costa leste e oeste.	55
FIGURA 3 - O plano operacional “ <i>The Opening Gambit</i> ” ²	56
FIGURA 4 - Posicionamento inimigo na zona de ação da 1ª Divisão.....	57
FIGURA 5 - O plano do <i>Regimental Combat Team</i> ³ (RCT)-5 de cruzar para o Iraque, bloquear a suposta Brigada da Guarda Republicana e proteger a infraestrutura de petróleo do Norte e do Sul de <i>Rumaylah</i>	58
FIGURA 6 - O ataque do RCT-7 modificado com elementos atacando no lado oeste de <i>Jabal Sanam</i>	59
FIGURA 7- O RCT-1 e o 1º Batalhão de Reconhecimento liberados a oeste do RCT-5 e RCT-7, permitindo à Divisão manter o ímpeto do ataque ao Eufrates.	60
QUADRO 1 - Comparação dos Fundamentos da Ofensiva do CFN e do USMC	61
QUADRO 2 - Exemplos da aplicação dos Fundamentos da Ofensiva no nível tático	62
QUADRO 3 - Quadro comparativo entre os Fundamentos da Ofensiva e o "Choque e Pavor"	66

¹ Força Expedicionária de Fuzileiros Navais. (Tradução nossa).

² *The Opening Gambit* é um movimento de abertura, tática ou declaração feita para garantir uma posição que seja vantajosa para alguém. (SPEARS, 2006).

³ Grupamento de Combate. (Tradução nossa).

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AA -	Assalto Anfíbio
AcdtCap –	Acidente Capital
ADP -	<i>Army Doctrine Publication</i>
AtqPcp –	Ataque Principal
AtqScd –	Ataque Secundário
BIA –	<i>Basrah International Airport</i>
CFLCC -	<i>Combined Forces Land Component</i>
CFN -	Corpo de Fuzileiros Navais
CGCFN –	Comando Geral do Corpo de Fuzileiros Navais
CSSC -	Combat Service Support Company
EUA -	Estados Unidos da América
FCob –	Força de Cobertura
FT –	Força-Tarefa
FSeg –	Forças de Segurança
FSSG -	<i>Force Service Support Group</i>
GOSPs -	<i>Gas Oil Separation Plants</i>
GptOpFuzNav -	Grupamento Operativo de Fuzileiros Navais
HFTs -	Human Intelligence Exploitation Teams
LAR -	<i>Light Armored Reconnaissance</i>
LC -	Linha de Contato
LP –	Linha de Partida
MAGTF -	<i>Marine Air Ground Task Force</i>
MAW -	<i>Marine Aircraft Wing</i>
MCWP -	<i>Marine Corps Warfighting Publication</i>

MEB -	<i>Marine Expeditionary Brigade</i>
MEF -	<i>Marine Expeditionary Force</i>
O Frag -	Ordem Fragmentária
P Atq -	Posição de Ataque
PC -	Posto de Comando
PC Tran -	Posto de Controle de Trânsito
RCT -	<i>Regimental Combat Team</i>
Res –	Reserva
RPG -	<i>Rocket-propelled grenade</i>
USMC -	United States Marine Corps
Z Reu -	Zona de Reunião

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	9
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	11
2.1	Fundamentos da Ofensiva	12
2.1.1	Os Fundamentos da Ofensiva na Doutrina do Corpo de Fuzileiros Navais.....	12
2.1.2	Os Fundamentos da Ofensiva na Doutrina do <i>United States Marine Corps</i>	15
2.2	“Choque e Pavor”.....	17
2.2.1	Conhecimento de si mesmo, do adversário e do ambiente	18
2.2.2	Rapidez.....	19
2.2.3	Brilho operacional na execução	20
2.2.4	Controle do ambiente operacional.....	21
3	OPERAÇÃO <i>IRAQI FREEDOM</i>: OS FUZILEIROS NAVAIS ESTADUNIDENSES NO IRAQUE.....	23
3.1	Operação <i>Iraqi Freedom</i>, 2003	24
3.2	O plano operacional - <i>The Opening Gambit</i>.....	26
3.3	<i>The Opening Gambit</i> – Execução.....	30
4	OS FUNDAMENTOS DA OFENSIVA NA OPERAÇÃO <i>IRAQI FREEDOM</i>....	41
4.1	Avaliação da hipótese.....	41
4.2	Os Fundamentos da Ofensiva do CFN na <i>Operação Iraqi Freedom</i>.....	43
4.2.1	Análise no nível operacional	43
4.2.2	Análise no nível tático.....	44
4.3	“Choque e Pavor” na <i>Operação Iraqi Freedom</i>.....	45
5	CONCLUSÃO	47
	REFERÊNCIAS	53
	ANEXOS	54

1 INTRODUÇÃO

Os Fundamentos da Ofensiva são conceitos oriundos da análise de operações desta natureza através dos tempos à luz dos princípios de guerra. Sua aplicação pode variar de acordo com o escalão considerado e sua função é servir de guia aos comandantes.

O conceito de “*Shock and Awe*”⁴, teorizado por Harlan K. Ullmann (1941 -) e James P. Wade (1930 -), posto em prática na guerra dos Estados Unidos da América (EUA) contra o Iraque, em 2003, defende a realização de ataques muito violentos desde o início da crise ou conflito, a fim de se alcançar uma solução imediata.

O que se pretende com a pesquisa é identificar na participação dos *United States Marine Corps* (USMC)⁵, na Operação *Iraqi Freedom*⁶ (2003-2011), a aplicação dos Fundamentos da Ofensiva do Corpo de Fuzileiros Navais (CFN). A partir da análise da ação do *I Marine Expeditionary Force*⁷ (MEF), deseja-se verificar a validade dos Fundamentos da Ofensiva do CFN e identificar oportunidades de melhoria dessa Doutrina.

Neste contexto, focando na ofensiva dos Fuzileiros Navais estadunidenses na Operação *Iraqi Freedom*, em 2003, durante seu deslocamento do Kuwait a Bagdá, a seguinte questão de pesquisa se coloca: houve aderência do emprego do USMC na Operação *Iraqi Freedom* aos Fundamentos da Ofensiva do CFN? Para responder a essa pergunta foi assumida uma hipótese de pesquisa, que ao final do estudo será validada ou não. A hipótese é que os Fundamentos da Ofensiva do CFN, por serem semelhantes aos Fundamentos da Ofensiva do USMC, são aplicáveis ao estudo da participação dos Fuzileiros Navais estadunidenses na Operação *Iraqi Freedom*, em 200

⁴ “Choque e Pavor” (Tradução nossa). A partir deste momento, este será o termo utilizado para referir-se à teoria.

⁵ Corpo de Fuzileiros Navais estadunidense (Tradução nossa).

⁶ Liberdade para o Iraque (Tradução nossa).

⁷ Força Expedicionária de Fuzileiros Navais (Tradução nossa).

Além da questão central, para atingir o objetivo da pesquisa, será abordado os Fundamentos da Ofensiva na Doutrina do CFN e do USMC, destacando quais não foram incorporados a Doutrina do CFN. Será abordado também, o conceito “*Shock and Awe*” posto em prática na guerra dos EUA contra o Iraque, em 2003 e quais os Fundamentos da Ofensiva do CFN foram mais relevantes, na análise da participação do USMC na Operação *Iraqi Freedom*. Para alcançar o objetivo e testar a hipótese, foi estabelecido como desenho de pesquisa neste trabalho a comparação da teoria com a realidade.

A pesquisa será apresentada nesta dissertação em cinco capítulos. O primeiro capítulo é esta introdução. O segundo capítulo, descreverá os Fundamentos da Ofensiva do CFN, do USMC e a Teoria do “Choque e Pavor”. No terceiro capítulo, será apresentado um breve resumo da participação do I MEF na Operação *Iraqi Freedom*, referente a ofensiva do USMC, do Kuwait a Bagda. Dos três primeiros capítulos serão extraídos conteúdos de interesse para a avaliação da hipótese e para responder as questões da pesquisa. O quarto capítulo, apresentará uma análise à luz dos Fundamentos da Ofensiva do CFN, da hipótese assumida, da participação do I MEF, no nível operacional⁸ e da 1ª Divisão de Fuzileiros Navais, no nível tático⁹. O quinto capítulo, consistirá na conclusão dessa pesquisa.

A principal limitação deste estudo é a extensão máxima imposta, que permitiu uma análise mais aprofundada da ofensiva do USMC no Iraque, somente em sua marcha da fronteira do Kuwait até o rio Eufrates. Tal estudo já foi muito enriquecedor e de grande valia para a continuidade de estudos futuros frente a outros aspectos da ofensiva.

⁸ Nível operacional - Nível que compreende o planejamento militar e a condução das operações requeridas pela guerra, em conformidade com a linha estratégica estabelecida. (BRASIL, 2015, p. 182).

⁹ Nível tático - Nível responsável pelo emprego de frações de forças militares, organizadas, segundo características e capacidades próprias, para conquistar objetivos operacionais ou para cumprir missões específicas. (BRASIL, 2015, p. 182).

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Este capítulo está dividido em três seções. Primeiramente, serão abordados os Fundamentos da Ofensiva, apresentando essa doutrina conforme o CFN, no CGCFN 1-5 Manual de Operações Terrestres de Caráter Naval. A seguir, serão apresentados os Fundamentos da Ofensiva conforme a Doutrina do USMC, no *Marine Corps Warfighting Publication*¹⁰ (MCWP) 3-01 Manual de Táticas Ofensivas e Defensivas.

Na segunda seção será abordado o conceito teórico de *Rapid Dominance*¹¹ e seu efeito de *shock and Awe*, teorizado por Harlan K. Ullmann e James P. Wade, em seu livro *Shock and Awe. Achieving Rapid Dominance*¹².

Os Fundamentos da Ofensiva são um conjunto de conceitos importantes que deverão ser compreendidos conforme a Doutrina do CFN e do USMC. Isso permitirá justificar a hipótese assumida, responder à questão de pesquisa e alcançar o objeto final do trabalho.

A Teoria do “Choque e Pavor” foi posta em prática na Operação “*Iraqi Freedom*”¹³, em 2003. Tal teoria defende o emprego de ataques violentos desde o início da crise ou conflito, para atingir a percepção do inimigo em relação ao campo de batalha e, dessa forma, fazê-lo desistir do combate.

Os Fundamentos da Ofensiva e a Teoria de “Choque e Pavor” serão importantes no prosseguimento da pesquisa e desenvolvimento das próximas seções.

¹⁰ Publicação de Combate do Corpo de Fuzileiros Navais. (Tradução nossa).

¹¹ Dominância Rápida. (Tradução nossa).

¹² Choque e Pavor. Alcançando Domínio Rápido. (Tradução nossa).

¹³ Liberdade para o Iraque. (Tradução nossa).

2.1 Fundamentos da Ofensiva

Os Fundamentos da Ofensiva são conclusões ou conceitos obtidos do estudo de operações dessa natureza ao longo do tempo, a partir da aplicação comprovada dos Princípios de Guerra. Eles podem ser considerados como uma direção para os comandantes, em que pese o fato de a sua aplicação ser de acordo com a situação e o escalão considerado.

2.1.1 Os Fundamentos da Ofensiva na Doutrina do Corpo de Fuzileiros Navais

Os Fundamentos da Ofensiva para o CFN são: obter e manter o contato; esclarecer a situação; concentrar poder de combate; surpreender o oponente; explorar deficiências do inimigo; controlar acidentes capitais¹⁴; obter e manter a iniciativa; neutralizar a capacidade de reação do inimigo; progredir pelo fogo e movimento; manter a impulsão do ataque; agir com rapidez; explorar o êxito; manter a segurança; e flexibilidade no planejamento. (BRASIL, 2020).

A obtenção e manutenção do contato é uma das formas de se levantar informações sobre o inimigo, manter a situação atualizada e, dessa forma, conservar a iniciativa e a liberdade de ação, além de evitar a surpresa. Há duas formas de se manter o contato com o inimigo, pelo combate aproximado e pela observação. Deve-se buscar o contato o mais cedo possível e uma vez obtido, não deve ser voluntariamente rompido. (BRASIL, 2020)

Assim que o comandante obtiver o contato, deverá buscar informações sobre o valor, a composição e a disposição das forças inimigas. Para tal, ultrapassando as forças de segurança, tentará localizar sua posição defensiva e levantar deficiências que possam ser exploradas, a fim de dispor de informações para elaboração de sua diretiva¹⁵. (BRASIL, 2020).

¹⁴ Acidente capital - Qualquer acidente de terreno ou área cuja conquista, manutenção ou controle proporcione acentuada vantagem a qualquer das forças oponentes. (BRASIL, 2015. p. 16).

¹⁵ Diretiva - Documento que rege ação, conduta ou procedimento. (BRASIL, 2015, p.91.)

Para o cumprimento da missão, o comandante deve evitar esforços naquilo que não contribua para tal. Sendo assim, deve manobrar de forma para obter superioridade, concentrando o poder de combate no momento e local oportuno.

A surpresa é um fator multiplicador do poder de combate e deve ser buscada na ofensiva, explorando ao máximo seus efeitos nos momentos iniciais, antes que ele tenha condições de recuperar-se. Ela favorece a impulsão do ataque, a liderança e impede o inimigo de utilizar todo seu poder de combate. (BRASIL, 2020).

Por reduzir o tempo de planejamento do inimigo, a surpresa retarda a sua reação, sobrecarrega e confunde seus sistemas de comando e controle. O adversário é obrigado a reagir rapidamente e isso causa um efeito psicológico adverso em suas tropas, em virtude do impacto recebido. Da mesma forma que se busca surpreender o oponente, o comandante deverá estar preparado para a quebra prematura da surpresa e seus impactos para a manobra. (BRASIL, 2020)

O comandante deve evitar atingir o inimigo onde ele é mais forte. O emprego do seu poder de combate deve explorar as deficiências do inimigo. Essas deficiências podem ser na organização do seu dispositivo, moral baixo, insuficiência de apoio de fogo, inferioridade numérica ou dificuldades no reabastecimento e re completamento. (BRASIL, 2020)

A importância do controle dos acidentes capitais para a ofensiva está nas vantagens que ele proporciona, desde que devidamente exploradas. Os acidentes capitais proporcionam observação, campos de tiro, controle de vias de acesso, proteção para as instalações contra as vistas e fogos do inimigo. (BRASIL, 2020).

A obtenção e manutenção da iniciativa são requisitos para o comandante impor sua vontade e não ficar submisso às iniciativas do inimigo. Esta é obtida pelo emprego agressivo do seu poder de combate, da surpresa e o aproveitamento oportuno dos erros do inimigo.

Normalmente, a iniciativa pertence ao atacante no início das ações. Todo esforço deve ser feito para conservar a iniciativa, pois uma vez perdida, será de difícil recuperação. (BRASIL, 2020).

No esforço de manter a iniciativa, o comandante busca neutralizar a capacidade de reação do inimigo ao seu ataque. Medidas de segurança, ações de despistamento¹⁶, isolamento da área de operações, bloqueio dos reforços inimigos, ações para desorganizar e neutralizar suas atividades de apoio, ataque as instalações de comando e controle com os fogos de apoio e guerra eletrônica são formas do comandante neutralizar a capacidade de reação do inimigo. (BRASIL, 2020).

O fogo e movimento é a forma como a tropa atacante avança contra o inimigo para destruí-lo ou capturá-lo. Nenhuma peça de manobra deve atacar sem contar com fogos de apoio. A superioridade de fogos deve ser obtida e mantida desde os momentos iniciais do ataque, garantindo a liberdade de manobra e a impulsão do ataque. (BRASIL, 2020).

A impulsão é obtida e mantida pela aplicação de um poder de combate superior e pela iniciativa das ações, no desencadeamento de ataque rápido e agressivo. De forma a manter a impulsão do ataque, o comandante deve imprimir continuidade às ações, agindo com rapidez e explorando os locais de menor resistência. Os elementos inimigos que não sejam capazes de influenciar no cumprimento da missão deverão ser neutralizados com a mínima aplicação do poder de combate e ultrapassados, mantendo uma pressão agressiva constante (BRASIL, 2020).

A rapidez nas ações é essencial para o sucesso. Ela está ligada às ações de combate e ao exercício do comando e controle. Contribuindo para a surpresa, a segurança, para manter uma pressão constante sobre o inimigo e dificultar sua reação (BRASIL, 2020).

¹⁶ Conjunto de medidas adotadas contra o inimigo, por meio da manipulação, distorção ou falsificação de evidências, de forma a induzi-lo a reagir de modo prejudicial aos seus interesses (BRASIL, 2015).

O êxito obtido durante o ataque deve ser explorado com o máximo de agressividade às ações. A perda da oportunidade pode ocasionar uma perda de impulso, fazendo com que o ataque não seja decisivo e resultar em perdas para o atacante (BRASIL, 2020).

A segurança é fundamental para a tropa em deslocamento e em combate, sendo as ações estabelecidas em função do grau de ameaça. Destaca-se que não se deve valer do argumento da segurança para a inatividade ou descentralização do poder de combate. Um ataque rápido e agressivo é uma forma adequada de medida de segurança. (BRASIL, 2020).

O planejamento deve ser flexível o suficiente para que permita o comandante alterar a manobra, frente às incertezas e às oportunidades que surjam. Um planejamento flexível é aquele que desenvolve um plano de simples execução e fácil entendimento por parte dos subordinados, mantendo uma reserva adequada. (BRASIL, 2020).

Após apresentar os Fundamentos da Ofensiva do CFN, cabe destacar que, em uma ofensiva, busca-se explorar todos esses fundamentos. A arte do comandante é que definirá o momento e local adequado para explorá-los.

Uma sugestão de sequência de aplicação destes fundamentos seria iniciar com um planejamento flexível, que explore a segurança, a surpresa e rapidez. Neste planejamento inicial constará uma lista de alvos e a forma como será o deslocamento da força, de forma que explore o fogo e movimento, para obter e manter a iniciativa e explorar o êxito obtido para as ações subsequentes. A seguir serão apresentados os Fundamentos da Ofensiva previstos na Doutrina do USMC.

2.1.2 Os Fundamentos da Ofensiva na Doutrina do *United States Marine Corps*

Os Fundamentos da Ofensiva do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos da América (EUA) reforçam a sua filosofia de combate de natureza ofensiva. O USMC é focado

no inimigo e baseia-se no ritmo de batalha para tomar a iniciativa e degradar a resistência inimiga.

Para ser decisivo nas operações ofensivas, o comandante atacante deve dimensionar o seu esforço principal. Segundo o manual MCWP 3-01 (2019), os fundamentos da ação ofensiva são uma linguagem simples e servem como regras gerais que evoluíram a partir da aplicação comprovada dos princípios de guerra.

Muitos dos Fundamentos da Ofensiva a seguir estão relacionados e se reforçam. São eles: orientação para o inimigo; obter e manter o contato; esclarecer a situação; concentração de poder de combate superior no momento e nos locais decisivos; surpreender o oponente; explorar as fraquezas conhecidas do inimigo; aproveitar e controlar os acidentes capitais; obter e manter a iniciativa; neutralizar a capacidade de reação do inimigo; progredir pelo fogo e movimento; manter a impulsão do ataque; agir com rapidez; explorar o êxito; flexibilidade; agressividade; e manter a segurança da força. (MCWP 3-01, 2019).

A Doutrina dos Fuzileiros Navais estadunidenses apresenta os Fundamentos da Ofensiva de uma forma mais sucinta, quando comparado com a Doutrina do CFN. Apesar disso, nota-se a grande semelhança na abordagem dos conceitos.

Ao pesquisar a Doutrina do Exército estadunidense a fim de ampliar o tema, no manual de Ofensiva análogo ao do USMC, o *Army Doctrine Publication*¹⁷ (ADP) 3-90 (2019), verificou-se que o tema Fundamentos da Ofensiva não foi incorporado aquela Força. A Doutrina do Exército estadunidense destaca as características da ofensiva, que são elas: audácia, concentração, surpresa e tempo (ADP 3-90, 2019). Portanto, pode-se afirmar que, os Fundamentos da Ofensiva fazem parte de uma doutrina característica das Operações Terrestres de Caráter Naval. A seguir será abordado a Teoria do “Choque e Pavor”.

¹⁷ Publicação de Doutrina do Exército (Tradução nossa).

2.2 “Choque e Pavor”

O conceito de Dominância Rápida e seu foco “Choque e Pavor” é uma teoria escrita por Harlan K. Ullmann e James P. Wade, no livro *Shock and Awe. Achieving Rapid Dominance*. Esse conceito teorizado desde 1996, pela *National Defense University*¹⁸, foi posto em prática na guerra do Iraque em 2003. O termo “Choque e Pavor” caracteriza-se pelo efeito provocado pela Dominância Rápida.

Em um mundo pós-Guerra Fria, segundo Ullmann e Wade (1996), o domínio e a superioridade do poder militar estadunidense encontravam-se livre de um concorrente de igual nível externo. Essa superioridade permitiu que fosse reexaminado com segurança a postura de defesa dos EUA.

Ullmann e Wade (1996) destacam que a finalidade do Domínio Rápido é destruir ou confundir a vontade de resistir do adversário, fazendo com que este não tenha alternativa, senão aceitar os objetivos estratégicos e militares impostos a ele. Para atingir esse resultado, a Dominância Rápida deve controlar o ambiente operacional, controlar a percepção e o entendimento do adversário, bem como controlar ou regular o que ele não percebe ou entende.

Para afetar a vontade de resistir do adversário, aplicando o conceito de Dominância Rápida, Ullmann e Wade (1996) ressaltam que uma série de ações deverão ser executadas. Essas ações terão efeitos psicológicos e intangíveis, bem como físicos e concretos, além da destruição das forças inimigas e da infraestrutura militar de apoio. É nessa aplicação estratégica mais ampla e profunda, que o conceito de Dominância Rápida se diferencia e atinge o nível necessário de “Choque e Pavor” nos pontos de alavancagem militar e estratégico apropriados. (ULLMANN; WADE, 1996).

¹⁸ Universidade de Defesa Nacional (Tradução nossa).

A Força de Domínio Rápido é a constituída para gerar o efeito do “Choque e Pavor” e alcançar os objetivos estratégicos e militares. Essa força deve possuir quatro características: o conhecimento e compreensão de si mesmo, do adversário e do ambiente quase que absoluto; rapidez e pontualidade na aplicação da força; brilho operacional na execução; e busca do controle e gerenciamento de todo o ambiente operacional. (ULLMANN; WADE, 1996).

Essa Teoria do “Choque e Pavor” não chega a trazer novos conceitos doutrinários, mas tenta interpretá-los com uma nova roupagem. A superioridade tecnológica estadunidense permite essa tentativa audaz de ir além da doutrina e tentar valorizar a capacidade militar na busca do conhecimento e gerenciamento do campo de batalha, para imprimir um ritmo ofensivo superior ao do adversário.

2.2.1 Conhecimento de si mesmo, do adversário e do ambiente

Considerando o ambiente de incertezas, é difícil estimar onde poderá ocorrer a próxima crise. Segundo Ullmann e Wade (1996), a inteligência é composta por cinco categorias de conhecimento: o líder da sociedade; cultura e valores; o ambiente político, econômico, físico e estratégico; as capacidades militares e a ordem de batalha; e informações gerais sobre o campo de batalha.

A coleta de informações suficientes e em tempo oportuno sobre o ambiente é fundamental para a Dominância Rápida. Uma vez coletados os dados estes devem ser processados, disseminados para as pessoas certas em tempo hábil e armazenados para um futuro acesso. (ULLMANN; WADE, 1996).

A Dominância Rápida requer um nível sem precedentes de coleta de informações em tempo real e nenhuma área poderá ser negligenciada. Para tal, todo tipo de tecnologia será utilizado: sistemas de sensores, plataformas espaciais, sensores de solo autônomos e

plataformas de reconhecimento avançado tripulado. A coleta de informações de fontes amigas, aliados, combatentes e não-combatentes também é crítica. (ULLMANN; WADE, 1996).

Ullmann e Wade (1996) destacam em sua obra, a importância da disseminação de informações úteis para a Dominância Rápida. Porém a mera transmissão da informação certa, no momento certo, não será suficiente para permitir o domínio rápido e administrar o “Choque e Pavor”.

Além das tecnologias de fusão de dados, deverão ser utilizados, amplamente, tecnologias em campos como geração de imagens, realidade virtual e simulação avançada. (ULLMANN; WADE, 1996).

Um questionamento que surge a esta teoria é se, mesmo utilizando todo tipo de tecnologia disponível, seria possível controlar o conhecimento do ambiente, na forma como a teoria propõe. Na realidade, o adversário é mutável e questões como cultura, língua e religião podem tornar impossível atingir a afirmativa dos autores.

2.2.2 Rapidez

No sentido do uso da tecnologia, Ullmann e Wade (1996) usam o conceito de rapidez na velocidade do planejamento operacional e execução, focados no mínimo tempo de resposta. Para eles, a grande quantidade de informações, aliada a incerteza de quando e onde ocorrerá uma crise, torna o planejamento mais difícil atualmente.

Para tornar mais fácil para o comandante planejar a Dominância Rápida, Ullmann e Wade (1996), propõem: o planejamento baseado em modelo; inteligência de máquina; planejamento dinâmico baseado em *feedback* e novas informações; auxiliares de decisão seletivamente automatizados (comandantes associados); e ensaio e adestramentos integrados.

A rapidez na tomada de decisão é primordial para surpreender o oponente, manter a impulsão do ataque e neutralizar a capacidade de reação do inimigo. Os autores propõem

ações para ser mais rápido que o adversário, dos quais destaca-se a realimentação do sistema, com *feedback* e novas informações, e o adestramento integrado das forças em combate. Nota-se que a rapidez está intimamente relacionada com o próximo conceito a ser apresentado.

2.2.3 Brilho operacional na execução

Para Ullmann e Wade (1996) o brilho operacional na execução não pode ser institucionalizado, mas um padrão pode ser definido. O planejamento dinâmico citado na seção anterior assim como o uso de tecnologias de sensores, computacionais e de comunicações, são partes das capacidades dessa característica.

Para causar o mínimo de dano colateral durante a operação, devem ser neutralizados e destruídos alvos estratégicos, forças militares, lideranças e recursos-chave da sociedade. O inimigo deve sentir-se completamente desamparado, confuso e incapaz de dar uma resposta significativa. Isso exigirá sensores substanciais, tecnologias computacionais e de comunicação. Os alvos designados devem ser destruídos rapidamente e com segurança. (ULLMANN; WADE, 1996).

Segundo Ullmann e Wade (1996), o status e a posição das forças amigas devem ser conhecidos o tempo todo, e a logística deve ser suficientemente flexível para permitir um movimento rápido, reconfiguração e descentralização da localização.

Mais uma vez, os autores destacam a importância de um sistema de informações eficiente, agora para permitir o brilho operacional. Cabe ressaltar que neste item, foi a primeira vez que a logística ganhou importância, pois sem ela o brilho operacional não seria sustentado e o êxito na batalha, dificilmente conseguiria ser explorado.

2.2.4 Controle do ambiente operacional

Ullmann e Wade (1996) acreditam que o ataque a alvos a fim de induzir “Choque e Pavor” pode contribuir para controlar a percepção do inimigo. Para que isso ocorra, deve-se gerar o sentimento de que, não há abrigo seguro e que qualquer alvo pode ser atacado a qualquer momento, sem chance de contra-ataque.

Controlar a percepção do inimigo no campo de batalha inclui manipular a visão que o inimigo tem sobre o status de suas tropas, da ameaça e do ambiente operacional. Isso só acontecerá, caso consiga negar seletivamente o conhecimento do inimigo e apresentar a ele informações enganosas com propósito. Portanto, é fundamental que se consiga detectar a liderança e ter o *feedback* de sua percepção. (ULLMANN; WADE, 1996).

Para que esse “ataque de percepção”¹⁹ seja realizado com sucesso, será necessário atacar os sistemas de informações do inimigo com todo tipo de tecnologias de sistemas. A máxima consciência do campo de batalha é crucial para o êxito do ataque, pois torna-se requisito, não só a avaliação dos danos da batalha, bem como a percepção que as lideranças, as tropas e a sociedade inimiga tiveram da destruição. (ULLMANN; WADE, 1996).

Entre as tecnologias de sistema mais importantes e críticas para alcançar o controle do meio ambiente, incluem as plataformas de armas com tecnologia *stealth*²⁰, sistemas de armas com munições inteligentes e sistemas robóticos. (ULLMANN; WADE, 1996).

As plataformas de armas com tecnologia *stealth* são importantes para permitir estar ao alcance do alvo, sem ser detectado. Um exemplo são os bombardeiros e aeronaves de ataque

¹⁹ O Ataque de percepção é uma forma de guerra de informação (ULLMANN; WADE, 1996).

²⁰ Stealth é termo utilizado para referir-se a aeronaves, navios, mísseis que não podem ser detectados por radar. Stealth. In: DICIONÁRIO CAMBRIDGE INGLÊS-PORTUGUÊS. Cambridge: Cambridge *University Press*, 2021. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/stealth>>. Acesso em: 7 Ago. 2021.

lançadas de plataformas marítimas ou terrestres e submarinos com mísseis de cruzeiro convencionais.

Sistemas de armas com munições inteligentes permitem acertar qualquer alvo que possa ser identificado. A Dominância Rápida requer sistemas de armas que possam concentrar-se rapidamente nos alvos detectados e atingi-los com alta precisão. (ULLMANN; WADE, 1996).

Os sistemas robóticos, segundo Ullmann e Wade (1996) são uma importante área na Dominância Rápida. Primeiramente, darão a força maior rapidez na designação e destruição de alvos. Em segundo lugar, tornarão viável travar uma batalha por 24 horas, mesmo com efetivo reduzido. Em terceiro lugar, permitirão fazer o uso da força em áreas muito perigosas para o emprego de tropas ou elementos tripulados.

Ullmann e Wade (1996), reconhecendo a superioridade militar estadunidense, livre de concorrência, tentaram reexaminar a postura de defesa dos EUA. Eles levaram em consideração a possibilidade de que, adversários em potencial podem vir a mudar os termos do conflito e tornar irrelevantes a vantagem militar que eles possuem. Com essa motivação é que foi elaborada a Teoria do “Choque e Pavor”.

A tentativa de elaborar uma teoria para direcionar a aplicação da superioridade tecnológica militar estadunidense recebeu várias críticas.

No próximo capítulo, será apresentada a participação do USMC na Operação *Iraqi Freedom*, em 2003. O cenário considerado é a ofensiva que saiu do Kuwait em direção a Bagda, buscando expor aspectos dos Fundamentos da Ofensiva.

3 OPERAÇÃO *IRAQI FREEDOM*: OS FUZILEIROS NAVAIS ESTADUNIDENSES NO IRAQUE

No capítulo anterior, foram apresentados os Fundamentos da Ofensiva e a Teoria do “Choque e Pavor”. O primeiro tem sua origem no estudo das operações ofensivas ao longo da história e o segundo aborda o efeito que se espera gerar no adversário, pelo emprego da Dominância Rápida. A hipótese de que os Fundamentos da Ofensiva do CFN são semelhantes ao do USMC permite que estes conceitos sejam aplicados ao estudo de uma operação realizada pelos Fuzileiros Navais estadunidenses.

O desafio neste capítulo será descrever uma parte da Operação *Iraqi Freedom*, para que, no próximo capítulo, seja possível comprovar a hipótese e confrontar os aspectos teóricos e doutrinários do capítulo anterior, com a realidade que será apresentada. Em virtude da complexidade da operação e o foco da pesquisa ser o tema operações terrestres de caráter naval, foi selecionado para a análise a ofensiva dos Fuzileiros Navais estadunidenses do Kuwait até Bagdá.

Este capítulo está dividido em três partes. A primeira apresentará a ofensiva terrestre na Operação *Iraqi Freedom*, com foco na participação USMC. A segunda apresentará o plano operacional *The Opening Gambit*²¹, que foi elaborado para as primeiras 96 horas do combate da 1ª Divisão de Fuzileiros Navais. A terceira parte apresentará a execução desta operação.

²¹ The Opening Gambit é um movimento de abertura, tática ou declaração feita para garantir uma posição que seja vantajosa para alguém (SPEARS, 2006).

3.1 Operação *Iraqi Freedom*, 2003

Segundo Kennedy (2006), os estrategistas estadunidenses sabiam que o poder de Saddam estava em Bagdá. Portanto, foi planejado um ataque rápido e penetrante que conduziria a força aliada diretamente a capital. Essa era a essência da Operação *Iraqi Freedom*. Acreditava-se que a verdadeira luta seria pela capital e que o avanço pelo deserto ao sul do Iraque seria relativamente livre de resistência. O V Corpo do Exército dos EUA avançou pelo deserto para noroeste com a 3ª Divisão de Infantaria na liderança. Os Fuzileiros Navais receberam a ordem de avançar pelo centro para conter as unidades iraquianas.

O USMC enviou o I MEF, que incluía a 1ª Divisão de Fuzileiros Navais de *Camp Pendleton*, a 1ª Divisão Blindada Britânica, a 2ª *Marine Expeditionary Brigade* de *Camp Lejeune*²² (2º MEB), o 3º *Marine Aircraft Wing*²³ (3ºMAW) e o 1º *Force Service Support Group*²⁴ (1ºFSSG). Os três *Regimental Combat Team*²⁵ (RCT) reforçados da 1ª Divisão de Fuzileiros Navais lideraram a ofensiva dos Fuzileiros Navais em direção a Bagdá. (KENNEDY, 2006).

A 1ª Divisão Blindada Britânica conquistou a segunda maior cidade do Iraque, *Basrah*. O 2º MEB recebeu a missão de manter as vias de abastecimento livres, a retaguarda da 1ª Divisão de Fuzileiros Navais. (KENNEDY, 2006). A Fig. 1 ilustra a manobra da 3ª Divisão de Infantaria, do I MEF e da 1ª Divisão Blindada Britânica.

A Força-Tarefa (FT) Anfíbia-Leste, a FT Tarawa, era composta por sete navios anfíbios e fez a travessia dos Fuzileiros Navais do 2º MEB de *Camp Lejeune* ao Kuwait. Esta era a única unidade da “Costa Leste” dos Estados Unidos da América (EUA), incorporada ao I MEF da “Costa Oeste” e suas aeronaves foram incorporadas ao 3º MAW. (KENNEDY, 2006).

²² Brigada Expedicionária de Fuzileiros Navais de Campo Lejeune (Tradução nossa).

²³ Esquadrão de aviação dos Fuzileiros Navais (Tradução nossa).

²⁴ Grupo de apoio de serviço ao combate da Força (Tradução nossa).

²⁵ Grupamento de Combate (Tradução nossa).

A Fig.2 ilustra a travessia por via aérea e marítima realizada para enviar as tropas para o Kuwait a partir de portos, bases e estações aéreas da costa leste e oeste.

O 2ºRCT liderou o ataque em direção a Bagdá e a 1ª Divisão de Fuzileiros Navais foi designada para assegurar os campos de petróleo do sul do Iraque. A FT Tarawa recebeu a missão de se deslocar para o rio Eufrates e fazer a proteção das pontes da cidade deserta de *An Nasiriyah* e seu entorno. (KENNEDY, 2006).

Nesta cidade, os Fuzileiros Navais do RCT-2 combateram contra soldados regulares da 11ª Divisão de Infantaria iraquiana, milícia local, membros do partido político nacionalista *Ba'ath* e combatentes federais armados com fuzil AK-47, *Rocket-propelled grenade* (RPG)²⁶, metralhadoras RPK, veículos blindados, morteiros e artilharia. O efetivo adversário era de difícil quantificação, pois a maioria dos iraquianos abandonou seus uniformes, se misturou a população civil e lutou com roupas civis. A estimativa da força inimiga variou entre 2000 e 5000 iraquianos armados. (KENNEDY, 2006).

Oficialmente, a invasão do Iraque começou em 20 de março de 2003 e Bagdá estava formalmente protegida pelas forças EUA em 9 de abril de 2003, porém só estava livre das forças inimigas convencionais em 12 de abril. As tropas dos EUA permaneceram no Iraque até dezembro de 2011²⁷, conduzindo operações de estabilização e ajudando os iraquianos a reconstruir sua infraestrutura. (KENNEDY, 2006).

Nesta seção foi apresentado a participação do USMC de uma forma ampla, com o propósito de contextualizar a ofensiva dos fuzileiros navais estadunidenses na Operação *Iraq Freedom*. Nas próximas seções serão apresentados, de forma mais detalhada, uma parte da

²⁶ Granada lançada por foguete (Tradução nossa).

²⁷ GAZETA ON LINE. 16 DEZ 2011. Disponível em: < [http:// gazetaonline.globo.com/ _conteudo /2011/ 12/noticias/ minuto_a_minuto /internacional/1060917-eua-encerram-guerra-do-iraque-sem-citar-vitoria.html](http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2011/12/noticias/minuto_a_minuto/internacional/1060917-eua-encerram-guerra-do-iraque-sem-citar-vitoria.html)> Acesso em: 26 JUN 2021.

ofensiva, a Operação *The Opening Gambit*, correspondente a ofensiva do Kuwait até o rio Eufrates.

3.2 O plano operacional - *The Opening Gambit*

A proposta de apresentar o plano operacional *The Opening Gambit* é demonstrar como ele foi elaborado pelo nível operacional, para a seguir apresentar sua execução no nível tático. Esta abordagem permitirá identificar a aplicação dos Fundamentos da Ofensiva nos diferentes níveis, bem como destacar a sua importância durante a ação ofensiva, no próximo capítulo.

O planejamento operacional *The Opening Gambit* foi elaborado para as primeiras 96 horas do combate, terminado com a Divisão pronta para continuar o ataque ao norte do Rio Eufrates. O conceito da operação começava pela destruição dos meios de reconhecimento iraquianos em *Jabal Sanan*²⁸, com a intenção de cegar o inimigo. Os ataques seriam seguidos pelos pelotões de reconhecimento da Força e unidades de reconhecimento blindadas, para garantir que todos os postos de vigilância da Guarda de Fronteira iraquiana seriam neutralizados. (GROEN, 2006).

Uma série de fogos de preparação contra a artilharia inimiga seriam conduzidos, com a intenção de destruir todos os meios restantes de apoio de fogo indireto do inimigo, que pudessem interferir na manobra da 1ª Divisão. (GROEN, 2006).

Nos momentos iniciais do ataque, o esforço principal seria do RCT-7, para atacar, conquistar e manter de forma intacta o complexo da estação de bombeamento *Az Zubayr*, chamada de “Joia da Coroa”. A fim de controlar esta estação de petróleo, o RCT atacaria para destruir os elementos remanescentes da 51ª Divisão Mecanizada iraquiana, ao sul e a oeste da

²⁸ *Jabal Sanan* ou '*Safwan Hill*' era um acidente capital no terreno ao sul do Iraque, dando aos iraquianos dando observação de 30 quilômetros até o Kuwait. A Divisão deu grande ênfase à destruição das forças iraquianas que ocupavam essas alturas (GROEN, 2006).

hidrovia *Shaat al Basrah*. Simultaneamente ao ataque do RCT-7, o 3º Batalhão *Light Armored Reconnaissance* (LAR)²⁹ iria fazer a limpeza das áreas de posição da artilharia, para permitir seu deslocamento a frente, em seguida, se deslocaria em direção a *Shaat al Basrah* para representar uma ameaça à 32ª Brigada inimiga do sudeste. (GROEN, 2006).

Pelo oeste da zona de ação da 1ª Divisão, o RCT-5 atacaria com o 1º Batalhão LAR à frente, fazendo o reconhecimento, para conquistar a infraestrutura de petróleo de *Rumaylah* do Sul, deslocando-se a oeste dos *Gas Oil Separation Plants* (GOSPs)³⁰, repelindo as forças inimigas até o nível Companhia e protegendo as infraestruturas críticas de óleo. (GROEN, 2006). A Fig. 3 ilustra o plano operacional “*The Opening Gambit*”.

Se os critérios estabelecidos no planejamento fossem atendidos, o RCT-5 também lançaria um ataque helitransportado de Batalhão, para uma posição de bloqueio no lado sul da ponte *Alamo*, voltada para o norte, alternativamente, esse ataque seria por meios terrestres. Os demais elementos do RCT-5 fariam rapidamente a ligação com essa força, a fim de impedir qualquer reforço ou fuga da 51ª Divisão Mecanizada iraquiana na área de *Rumaylah*. Caso essa ação fosse adiada, o RCT-7 precisaria proteger seu flanco norte antes de conquistar o complexo da estação de bombeamento *Az Zubayr*. (GROEN, 2006).

A ação prevista caso o bloqueio não chegasse a tempo foi planejada pelas células de engenharia e de apoio de fogo. O plano contingente era criar uma cratera no lado sul da ponte, parando efetivamente todo o tráfego. Embora a ponte estivesse na lista de alvos restritos, a 1ª Divisão solicitou ao controle do apoio de fogo do I MEF, a autorização para planejar a destruição da ponte caso a situação se desenvolvesse desfavoravelmente. O I MEF submeteu a

²⁹ Reconhecimento blindado leve (Tradução nossa).

³⁰ Plantas de separação de óleo e gás (Tradução nossa). A infraestrutura de petróleo do sul do Iraque era um labirinto complexo de tubos, casas de bombas e perigosas Plantas de Separação de Óleo de Gás (GOSPs). Todas essas instalações precisariam ser protegidas pelas forças dos fuzileiros navais para garantir que a capacidade de produção de petróleo do Iraque permanecesse intacta para fornecer ao "novo Iraque" uma base econômica (GROEN, 2006).

solicitação ao *Combined Forces Land Component Commander's* (CFLCC)³¹, que aprovou a destruição da ponte, se necessário. (GROEN, 2006).

O 1º Batalhão de Reconhecimento e o RCT-1 seguiriam em direção aos paióis de munição de *Jazair* e o campo de aviação de *Jalibah*, pela zona de ação a oeste do RCT-5 para liberar esta via. A rápida exploração do êxito do ataque do RCT-1 permitiria uma rápida passagem dos demais elementos da Divisão pelo rio Eufrates nas proximidades de *An Nasiriyah*. (GROEN, 2006).

O Batalhão de Reconhecimento operaria no flanco norte da Divisão, negando a surpresa ao inimigo, enquanto a 1ª Divisão se deslocaria para o oeste, na direção das pontes de *An Nasiriyah*. Em virtude da suposta ameaça de armas químicas e a necessidade de desengajar a 1ª Divisão dos Fuzileiros Navais de *Az Zubayr* e de *Rumaylah* do Sul, em 24h, a 1ª Divisão do Reino Unido iniciaria a substituição desta, porém era essencial que o RCT-1 e o 1º Batalhão de Reconhecimento liberassem rapidamente a zona de ação a oeste. (GROEN, 2006).

A rapidez do ataque seria seguida pela rapidez da substituição em posição. A 1ª Divisão Blindada do Reino Unido se deslocaria imediatamente, para desengajar a 1ª Divisão de Fuzileiros Navais do campo de batalha ao sul e a oeste da hidrovia de *Shaat al Basrah*, permitindo que esta continuasse mantendo a iniciativa do ataque em direção ao rio Eufrates. (GROEN, 2006).

O RCT-5 e o RCT-7 seriam substituídos pela 16ª Brigada de Assalto Aéreo Britânica e 7ª Brigada Blindada, respectivamente, que também desobstruiriam a zona a oeste, garantindo que o campo de batalha estivesse seguro, para o avanço dos escalões de apoio ao combate e apoio de serviço ao combate. (GROEN, 2006).

³¹ Comandante do Componente Terrestre de Forças Combinadas (Tradução nossa). O CFLCC era o comando de mais alto nível que coordenava as ações terrestres dos Fuzileiros Navais, da Coalizão e das forças terrestres do Exército dos EUA no sul do Iraque (GROEN, 2006).

O Comandante da 1ª Divisão de Fuzileiros Navais reforçava constantemente ao seu Estado-Maior que esta seria a Divisão mais centrada no ar da história da guerra. Consequentemente, houve uma grande interação entre o Estado-Maior da Divisão e do 3º MAW. Após o planejamento da Operação *The Opening Gambit* estar pronto, em 28 de dezembro de 2002, os comandantes realizaram uma reunião para revisão detalhada do plano. Os membros da seção de operações do I MEF participaram da reunião para dar o “rumo” da operação a partir da intenção do Comandante do I MEF. (GROEN, 2006).

O planejamento operacional detalhado foi o resultado de um trabalho em equipe da 1ª Divisão e do 3ºMAW, que gerou muita confiança entre as unidades e foi um multiplicador de forças significativo durante o combate. Tanto a 1ª Divisão quanto o 3ºMAW estavam confiantes que poderiam cumprir suas tarefas e cabia ao Comandante do I MEF decidir se o plano operacional *The Opening Gambit* estava atendendo sua orientação e intenção. (GROEN, 2006).

Em 31 de dezembro de 2002, foi realizado o *briefing* do plano *The Opening Gambit* em detalhes para os comandantes reunidos do I MEF, 1ª Divisão de Fuzileiros Navais, 3º MAW, 1ªFSSG e outros elementos do *Marine Air Ground Task Force* (MAGTF)³². Novamente, o plano recebeu críticas positivas e foi aprovado. A partir daquele momento, iniciava-se a preparação para a transição do plano de papel para a realidade da execução. (GROEN, 2006).

Da descrição do planejamento da Operação *The Opening Gambit*, destaca-se a interação entre os Estados-Maiores do nível tático e operacional. Outro ponto a ressaltar é a interação do adestramento das tropas que iriam combater juntas no Iraque. Na próxima seção será descrita a execução do plano, que pelas circunstâncias da situação apresentada, teve que ser alterado para impor um ritmo mais acelerado ao combate.

³² Força-Tarefa Aeroterrestre de Fuzileiros Navais (Tradução nossa).

Esse ritmo acelerado foi possível, graças a um eficiente sistema de Comando, Controle, Informações. O apoio de fogo e a mobilidade da tropa, transformou a 1ª Divisão de Fuzileiros Navais na Força Avassaladora de Domínio Rápido, descrita na Teoria do “Choque e Pavor”.

3.3 *The Opening Gambit* – Execução

Nesta seção será apresentado a execução da Operação *The Opening Gambit*. A ênfase da abordagem será em como as ações foram desencadeadas em cada dia da operação, pelas principais unidades de combate. Poderá ser observado como o inimigo influenciou na execução da manobra e como o Estado-Maior reagiu de forma a manter a iniciativa das ações e um ritmo de batalha agressivo, buscando contato com o adversário.

No dia 17 de março de 2003, a 1ª Divisão de Fuzileiros Navais emitiu a Ordem Fragmentada³³ (O Frag) para as unidades começarem a se deslocar das áreas de apoio, para as áreas de dispersão. Desde esse primeiro movimento o ritmo rápido foi importante, pois a 1ª Divisão já passava a ser um alvo para a artilharia inimiga ou ataque de mísseis durante o seu deslocamento. (GROEN, 2006).

A primeira unidade a iniciar o movimento e assumir posição ao norte do Kuwait foi o Posto de Comando (PC) Avançado da Divisão, para tornar a artilharia capaz de realizar fogos e proteger as unidades em movimento. O indicativo nas redes rádio do PC (principal ou avançado) que estava no controle do combate era “Diamante Azul”. A passagem do indicativo acompanhava a passagem do controle da 1ª Divisão. (GROEN, 2006).

³³ Tipo de ordem usada para enviar instruções separadas a uma ou mais unidades ou elementos subordinados, determinando a parte que cada uma deverá desempenhar no cumprimento de um plano de operações ou determinada fase de uma operação. O mesmo que Ordem Particular (BRASIL, 2015).

No dia 18 de março de 2003, o PC Avançado já estava estabelecido, permitindo que o PC Principal fosse desmontado e se deslocasse para sua posição de batalha no norte do Kuwait. No dia 19 de março, o PC Principal já estava pronto, bem a frente do restante da 1ª Divisão, no alcance da artilharia inimiga. (GROEN, 2006).

A partir deste local, o PC Principal comandaria e controlaria a invasão ao Iraque, localizado nas melhores condições de comando e controle possíveis e com os elementos de manobra amplamente dispersos. O posicionamento do PC foi fundamental para a obtenção e manutenção da iniciativa, permitindo manter a impulsão do ataque. A partir deste momento, o Diamante Azul estava com o PC Principal e os fuzileiros navais começaram a monitorar os movimentos do inimigo (GROEN, 2006).

Assim que o Comando da 1ª Divisão deu a ordem, as unidades iniciaram o deslocamento para as Zonas de Reunião³⁴ (Z Reu) fora da observação de *Jabal Sanan*, mas próximos da fronteira com o Iraque. O 3º Batalhão de Assalto Anfíbio (AA), reforçado pelos 2º e o 4º Batalhões AA e uma Companhia de Polícia da reserva, estabeleceram Postos de Controle de Trânsito (PC Tran) para guiar as unidades. O rigoroso controle do movimento, aliado aos reconhecimentos realizados antes do deslocamento, permitiu um ritmo rápido da 1ª Divisão com atrito mínimo (GROEN, 2006).

Simultaneamente, a artilharia começou a assumir posições intermediárias e os radares de artilharia e de contra-ataque começaram a avançar para fornecer o apoio de fogo necessário a invasão. Com os sistemas de apoio de fogo tão avançados, a Companhia Alpha do 3º Batalhão LAR foi designada para fazer a segurança dos meios de apoio de fogo e do PC Principal, que também estava em risco de um ataque iraquiano (GROEN, 2006).

³⁴ Região delimitada em que uma força militar é reunida, ficando em condições de receber missão de combate, ou se preparando para o cumprimento da missão recebida (BRASIL, 2015)

Segundo Groen (2006), a manobra da 1ª Divisão foi exaustivamente ensaiada e o movimento continuou das Z Reu para as Posições de Ataque³⁵ (P Atq) localizada antes dos obstáculos da fronteira. As unidades seguiam a Matriz de Sincronização³⁶, com a sequência de eventos e estavam preparadas para passar horas e até mesmo dias nas P Atq ou Z Reu conforme as condições do campo de batalha exigissem.

De acordo com o plano, após o comando do PC Principal, a 1ª Divisão atacaria em uma onda simultânea e imparável. No esforço de manter a consciência situacional dos comandantes elevada, foi realizada uma última reunião de coordenação para fornecer os cronogramas operacionais atualizados e passar as últimas informações sobre o inimigo (GROEN, 2006).

O III Corpo de Exército Regular do Iraque estava defendendo na zona de ação da 1ª Divisão de Fuzileiros Navais. Pouco antes do Diamante Azul iniciar o ataque, um informante iraquiano relatou que uma Brigada Blindada da Guarda Republicana, supostamente, se posicionou próximo a elevação de *Jabal Sanan* (GROEN, 2006). A Fig. 4 ilustra o posicionamento inimigo na Zona de Ação da Divisão.

No dia 19 de março de 2003, os navios da Marinha dos EUA no Golfo Pérsico lançaram mais de 35 mísseis de cruzeiro contra alvos estratégicos em Bagdá e outras localidades. A campanha aérea (Dia-A) começava sucessivamente, e a Divisão pode observar o poder de fogo do 3ºMAW bombardear as posições da 51ª Divisão Mecanizada iraquiana e as unidades nos campos petrolíferos de *Rumaylah* (GROEN, 2006).

Segundo Groen (2006), o apoio de fogo aéreo contra alvos terrestres começou imediatamente e teve um impacto significativo contra a artilharia inimiga. Os fuzileiros navais

³⁵ Zona situada imediatamente antes da linha de partida (LP), ocupada temporariamente por uma força, com a finalidade de facilitar seu desdobramento para o ataque (BRASIL, 2015)

³⁶ Documento empregado, no arranjo das atividades de todos os sistemas operacionais no tempo e no espaço, com a finalidade de obter o máximo de poder relativo de combate no ponto decisivo (BRASIL, 2015).

da 1ª Divisão relataram que o apoio de fogo aéreo teve um efeito devastador na vontade de lutar dos defensores iraquianos.

Em 20 de março de 2003, o I MEF assumiu o controle do campo de batalha e o 3ºMAW iniciou os fogos preparatórios sobre a 51ª Divisão Mecanizada do Iraque. A 1ª Divisão de Fuzileiros Navais recebeu o seu campo de batalha no dia 20 de março às 1500Z³⁷ e a Hora-H foi definida para 0300Z do dia 21 de março (GROEN, 2006).

Segundo Groen (2006), a 1ª Divisão já estava pronta para executar o ataque, porém recebia diversos relatórios de inteligência conflitantes, que indicavam o reforço das tropas iraquianas. A inteligência conseguiu levantar um relatório completo do dispositivo inimigo e identificar a maior parte dos equipamentos da 51ª Divisão de Infantaria Mecanizada iraquiana, sem detectar nenhum reforço relevante.

Ainda no dia 20 de março, o RCT-7 recebeu o relato de um informante, levado ao PC por uma unidade clandestina estadunidense, que iria influenciar na execução de todo o planejamento da Operação *Opening Gambit*. Segundo esse informante, os iraquianos haviam infiltrado uma Brigada Blindada da Guarda Republicana inteira, próximo a *Jabal Sanan*, aproveitando-se da escuridão e do mau tempo, essa brigada ficou conhecida como a “Brigada Fantasma” (GROEN, 2006).

O levantamento da Ordem de Batalha³⁸ iraquiana ficou dificultado pela falta da cobertura de imagens ocasionada pelo mau tempo. Os blindados não puderam ser visualizados por nenhum dos elementos de inteligência infiltrados, mas isso não garantia que eles não estavam lá (GROEN, 2006).

³⁷ O tempo ZULU (Z) é em referência ao horário de Greenwich e serve como um tempo comum para evitar confusão entre forças que operam em fusos horários distintos a milhares de quilômetros de distância (GROEN, 2006).

³⁸ Informações sobre pessoal, unidades e equipamentos de uma força, amiga ou inimiga, incluindo, se possível, efetivo, identificação, localização, estrutura de comando, históricos e outros dados relativos a unidades e personalidades militares (BRASIL, 2015).

Segundo Groen (2006), a reação da 1ª Divisão a este fato novo foi um exemplo do espírito agressivo e proativo dos fuzileiros navais. Como não havia tempo para que a “névoa da guerra”³⁹ fosse dissipada antes do ataque, muitos poderiam ficar inativos ou recuar por segurança. Reconhecendo que o tempo era crítico para a preservação da infraestrutura estratégica do petróleo, a 1ª Divisão tinha que agir diferente.

O PC da 1ª Divisão viu uma oportunidade de não apenas destruir a 51ª Divisão Mecanizada, como também elementos da Guarda Republicana, fiéis ao Regime de Saddam Hussein, que tentassem lutar contra os fuzileiros navais. (GROEN, 2006). Graças a flexibilidade do planejamento, o plano que havia sido elaborado por meses, foi rapidamente ajustado para atender à realidade do campo de batalha.

O novo plano previa a participação das forças do Reino Unido no flanco oriental. Em uma chamada rápida, os comandantes da 1ª Divisão de Fuzileiros Navais e da 1ª Divisão do Reino Unido foram capazes de coordenar o ataque e apoiar o plano revisado. Segundo Groen (2006), o RCT-7 prontificou um plano, que depois foi avaliado ser melhor do que o planejamento inicial, para atingir os objetivos do RCT. A Divisão solicitou ao I MEF e o 3º MAW que enviasse as aeronaves de asa fixa e rotativa para o norte da fronteira para localizar e destruir essa suposta ameaça blindada (GROEN, 2006).

No flanco oriental, a Brigada de Comandos 3 da 1ª Divisão do Reino Unido e a 15ª Unidade Expedicionária de Fuzileiros Navais, nucleada pelo 2º Batalhão da 1ª Divisão de Fuzileiros Navais, conquistaram com sucesso o terminal de petróleo *offshore* de *Mina-al Bakr* e os diversos oleodutos da península de *Al Faw*, no Golfo Pérsico (GROEN, 2006).

Em virtude do sucesso desta operação, era imperativo que o I MEF liberasse a 1ª Divisão para iniciar o ataque, antes que os iraquianos começassem a sabotar as infraestruturas

³⁹ São as eternas impropriedades e imprecisões da inteligência. (CLAUSEWITZ, V.C. [Comentário de Bernard Brodie no livro *Da Guerra*], 1984).

de petróleo de *Rumaylah* do Sul. Neste momento, os Comandantes da 1ª Divisão e do I MEF, em constante comunicação, revisaram juntos as opções estratégicas. Com a oportunidade de conquistar as infraestruturas de petróleo intactas e destruir a Brigada da Guarda Republicana, os dois decidiram por antecipar o ataque (GROEN, 2006).

Com as mudanças no planejamento, o esforço principal passou do RCT-7 para o RCT-5. O novo tempo para ultrapassar a Linha de Partida (LP)⁴⁰ foi definido para 1730Z, em 20 de março. O RCT-5 atacaria em sua zona de ação, para destruir as forças inimigas e conquistar as infraestruturas críticas de petróleo. Essa manobra evitaria uma maior destruição dos campos de petróleo de *Rumaylah* do Sul, bloquearia a retirada da suposta brigada da Guarda Republicana para oeste e isolaria a 51ª Divisão Mecanizada (GROEN, 2006).

Com o cronograma acelerado, o apoio de fogo ganhou nova urgência. O 3º MAW e o 11º Regimento de Artilharia dos Fuzileiros Navais voltaram-se para apoiar o combate com força total. Apenas algumas horas antes da 1ª Divisão cruzar a LP, os ataques de interdição⁴¹ aérea concentraram-se nos alvos pré-planejados (GROEN, 2006).

A elevação *Jabal Sanan* foi atingida repetidamente à tarde e à noite por ataque de asa fixa. Esses ataques eram seguidos por aeronaves de asa rotativa, que se aproximavam para verificar se ainda havia inimigos nos postos de observação e postos fixos da guarda de fronteira iraquiana. O 11º Regimento de Artilharia dos Fuzileiros Navais precedeu o ataque do RCT-5 com 30 minutos de fogos de preparação nas posições da artilharia inimiga (GROEN, 2006).

Em 20 de março de 2003, às 1730Z, em um tempo ajustado para nove horas e meia antes da Hora-H originalmente programada, os elementos de assalto do RCT-5 cruzaram com sucesso a LP. Essa organização por tarefas era composta pelo 2º Batalhão de Blindados, 1º Batalhão LAR, e os 1º, 2º e 3º Batalhões, do 5º Regimento de Infantaria de Fuzileiros Navais.

⁴⁰ Linha destinada a coordenar a partida de elementos do escalão de ataque (BRASIL, 2015).

⁴¹ Ato ou efeito de dificultar ou impedir, por qualquer meio, o uso, pelo inimigo, de uma área ou via, a fim de privá-lo da capacidade de prover os suprimentos e reforços para apoio das próprias forças. (BRASIL, 2015).

O RCT-5 foi apoiado pelo 2º Batalhão, do 11º Regimento de Artilharia dos Fuzileiros Navais, pelo 1º Batalhão de Engenharia de Combate, por elementos do 1º Batalhão de Rádio, pelo 1º Batalhão de Inteligência e por outros elementos de apoio incluídos (GROEN, 2006).

A missão do RCT-5 era conquistar os quatro GOSPs dos campos petrolíferos de *Rumaylah* do Sul, bloquear a 6ª Divisão Blindada iraquiana na Ponte *Rumaylah* do Norte e bloquear a 51ª Divisão de Infantaria Mecanizada do Iraque ao longo da Rodovia 8. A Fig. 5 ilustra o plano do RCT-5 de cruzar a LP, bloquear a suposta Brigada da Guarda Republicana e proteger a infraestrutura de petróleo do Norte e do Sul de *Rumaylah*. O RCT-7 atacaria a leste na Hora-H original, quase 10 horas depois (GROEN, 2006).

Os efeitos do apoio de fogo do I MEF e da 1ª Divisão na noite anterior diminuíram a vontade de lutar do inimigo. Segundo o Tenente-Coronel Mundy, Comandante do 3/5 Batalhão, o ataque da Operação *Opening Gambit*, destacou o espírito e o entusiasmo dos fuzileiros navais, quando receberam a ordem em um prazo muito curto para realizar um ataque noturno mecanizado, 10 horas antes do planejado (GROEN, 2006).

Por volta de 0956Z, do dia 21 de março, o estado final desejado foi alcançado, com os quatro GOSPs conquistados e as posições de bloqueio ocupadas. A avaliação dos danos da batalha e as entrevistas com os prisioneiros de guerra confirmaram as estimativas do tamanho da brigada da força inimiga, nos campos de petróleo de *Rumaylah* do Norte e do Sul (GROEN, 2006).

A operação da 1ª Divisão do Reino Unido na península de *Al Faw*, das unidades de Operações Especiais dos EUA protegendo o terminal offshore e do RCT-5 em *Rumaylah* do Norte e do Sul foi bem-sucedida. A única tarefa de infraestrutura crítica restante era o complexo da estação de bombeamento de *Zubayr* (a “Joia da Coroa”), na zona do RCT-7 (GROEN, 2006).

No dia 21 de março de 2003, enquanto o RCT-5 estava engajado nos campos de petróleo de *Rumaylah* do Sul, a Divisão emitiu uma O Frag determinando o RCT-7 atacar para

destruir a 51ª Divisão de Infantaria Mecanizada, a fim de evitar a retirada desta unidade para *Al Basrah*. O momento do ataque foi definido para 0300Z, simultâneo com o ataque da 1ª Divisão do Reino Unido a *Umm Oasr*, no flanco leste da 1ª Divisão de Fuzileiros Navais. Este ataque seria o “martelo da bigorna”⁴² estabelecido pelo 2º Batalhão de Blindados do RCT-5, com a sua posição de bloqueio para oeste, impedindo qualquer retirada de forças iraquianas que tentassem escapar para lutar no dia seguinte (GROEN, 2006).

Nos momentos que antecederam ao ataque do RCT-7, a 1ª Divisão conduziu o apoio de fogo. A partir do acompanhamento por veículo aéreo não-tripulado, do PC os elementos da inteligência e do apoio de fogo foram capazes de encontrar alvos, ajustar o fogo e avaliar os principais alvos em toda zona de ação a frente do RCT-7 (GROEN, 2006).

O RCT-7 tinha cerca de 5.200 fuzileiros navais e 1.000 veículos. Na organização desta Força-Tarefa havia dois componentes nível Batalhão Mecanizado. O 3º Batalhão do 4º Regimento de Fuzileiros (3/4), o 3º Batalhão do 7º Regimento de Fuzileiros Navais (3/7) e o 1º Batalhão Motorizado do 7º Regimento de Fuzileiros Navais. Também foi incorporado ao RCT-7, o 1º Batalhão de Blindados, a Companhia Delta, o 3º Batalhão LAR e elementos do 3º Batalhão de Assalto Anfíbio (GROEN, 2006).

Em apoio ao RCT estava a *Combat Service Support Company* (CSSC)⁴³; o 3º Batalhão do 11º Regimento de Artilharia de Fuzileiros Navais, em apoio direto; o 1º e 2º Batalhões de Engenharia de Combate; o 1º Batalhão de Radio; o 3º Grupo de Assuntos Cívicos; um destacamento do *Human Intelligence Exploitation Teams* (HETs)⁴⁴ e elementos da Companhia de Operações Psicológicas (GROEN, 2006).

⁴² Martelo e Bigorna - Operação que consiste em um escalão de bloqueio (bigorna), normalmente colocado apoiado num obstáculo natural e um escalão de assalto (martelo), responsável pela compressão do cerco, até que as forças irregulares fiquem bloqueadas entre estes escalões. (BRASIL, 2015).

⁴³ Companhia de Apoio de Serviço ao Combate (Tradução nossa).

⁴⁴ Equipe de Exploração de Inteligência Humana (Tradução nossa): Equipe composta por um interrogador e um tradutor (GROEN, 2006).

A fronteira Kuwait-Iraque era a LP do RCT-7. O planejamento inicial seria um ataque simultâneo do 1º Batalhão de Blindados e do 3/7. O primeiro atacaria os Blindados e as Viaturas Blindadas de Transporte de Pessoal, da 51ª Divisão Mecanizada do Iraque e apoiaria o ataque ao Aeroporto Internacional de *Basrah* (BIA). A tarefa do 3/7 era fazer a limpeza da área, eliminando as guarnições remanescentes da 32ª Brigada de Infantaria Mecanizada ao sul de *Az Zubayr*. O restante do RCT os seguiria no mesmo eixo (GROEN, 2006).

Segundo Groen (2006), o 1/7 estava com a tarefa mais importante do RCT-7, a proteção da “Joia da Coroa”, o complexo da estação de bombeamento de petróleo de *Zubayr*. Esse complexo recebia o petróleo dos campos de *Rumaylah* do Sul e bombeava para os terminais offshore. Este era o último objetivo estratégico que os fuzileiros navais tinham que cumprir para declarar o sucesso total na conquista intacta das infraestruturas críticas do campo de petróleo de *Rumaylah* do Sul (GROEN, 2006).

Os objetivos do 3/4 eram a proteção do aeroporto (BIA) e das pontes ao norte, sobre a hidrovia *Shaat al Basrah*. Essas tarefas eram essenciais para apoiar o ataque da 7ª Brigada da 1ª Divisão do Reino Unido, a fim de prover segurança e bloquear qualquer reforço inimigo, vindo daquela direção (GROEN, 2006).

A ameaça da “Brigada Fantasma”, em *Jabal Sanan*, exigiu a mudança do planejamento, demonstrando mais uma vez a importância da flexibilidade dos planos. O RCT-5 já havia se posicionado e agora o RCT-7 atacaria para dar o golpe decisivo. Os dois Batalhões, de Blindados e o 3/7 foram redirecionados para cruzar a LP ao oeste de *Jabal Sanan*. Os demais elementos do RCT só cruzariam a LP, assim que a ameaça inimiga fosse reduzida, pelo itinerário original (GROEN, 2006). A Fig. 6 ilustra o ataque do RCT-7, modificado com elementos atacando no lado oeste de *Jabal Sanam*.

A hora do ataque foi definida para 0300Z do dia 21 de março. O 11º Regimento de Artilharia de Fuzileiros Navais apoiou o ataque do RCT-7, que neste momento era o esforço

principal e tinha a prioridade de fogos. O 1º Batalhão de Blindados cruzou a LP no horário programado, mas rapidamente descobriu que não havia inimigos a serem atacados. O relatório que havia mudado toda a manobra era falso. Sendo assim, todas as unidades do RCT-7 prosseguiram no ataque conforme o plano original (GROEN, 2006).

Segundo Groen (2006), havia pouca resistência inimiga. O que se encontrava no caminho eram equipamentos abandonados e soldados iraquianos assustados, tentando se render ou fugir trajando roupas civis.

Ainda em 21 de março, o 1º Batalhão de Reconhecimento e o RCT-1 cruzaram a LP e seguiram pela zona de ação do RCT-5. Fazendo a proteção do flanco oeste e reconhecendo um itinerário alternativo em direção a *An Nasiriyah* para a 1ª Divisão, mantiveram o ímpeto do ataque em direção ao Rio Eufrates (GROEN, 2006). A Fig.7 ilustra a manobra do RCT-1 e do 1º Batalhão de Reconhecimento liberados a oeste do RCT-5 e RCT-7, permitindo à Divisão manter o ímpeto do ataque ao Eufrates.

O RCT-1 tinha cerca de 5.500 fuzileiros navais e 1.000 viaturas. Mobiliado pelo 1º Regimento de Fuzileiros Navais e reforçado por diversas unidades. Recebeu um componente aéreo e o PC do 2º Batalhão de Assalto Anfíbio, um pouco antes de partirem para cruzar a LP. Como o RCT-1 conseguiu cumprir sua missão rapidamente, teve que ficar aguardando em posição para realizar uma ultrapassagem com a FT Tarawa (GROEN, 2006).

No dia 22 de março, a 1ª Divisão destruiu bolsões isolados de resistência enquanto consolidava os objetivos e se reorganizava para prosseguir no ataque. Durante este dia, a 1ª Divisão Blindada do Reino Unido substituiu a 1ª Divisão de Fuzileiros Navais, que começou a mudar de posição para atacar cruzando o Rio Eufrates, conforme a intenção do comandante do I MEF (GROEN, 2006).

Caberia a FT Tarawa destruir a capacidade do inimigo de influenciar na transposição do Rio Eufrates pela 1ª Divisão. Portanto, em coordenação com a FT Tarawa, a 1ª

Divisão se preparou para apoiá-la ao máximo, protegendo o seu flanco e fazendo a limpeza da zona de ação, com eliminação de focos de resistência que surgissem (GROEN, 2006).

Ao final deste dia, o RCT-1 foi autorizado a passar pela zona de ação da FT Tarawa, ocupar as pontes sobre o Rio Eufrates e liberar a Tarawa dos pontos de travessia do Rio Eufrates a oeste de *An Nasiriyah*. Em seguida, o RCT-1 passou as pontes para o controle dos fuzileiros navais do 3º Batalhão AA (GROEN, 2006).

A partir deste momento, segundo Groen (2006), o itinerário ficou livre para a Divisão continuar o ataque, contornando o combate contínuo em *An Nasiriyah*. Os fuzileiros navais do RCT-1 voltaram sua atenção para passar por *An Nasiriyah*, onde a FT Tarawa estava engajada no combate urbano.

No dia 23 de março de 2003, o Diamante Azul mantinha a impulsão do ataque. A substituição em posição com a 1ª Divisão do Reino Unido foi concluída e a Divisão estava concentrada em prosseguir para o oeste. O sucesso no cumprimento da missão era um fato, pois todas as infraestruturas de petróleo estavam intactas. O desempenho dos fuzileiros navais em combate foi comprovado. Logo, os Sargentos do Estado-Maior da Divisão já estavam gritando, avisando que era hora de partir novamente (GROEN, 2006).

No próximo capítulo, será apresentado o foco deste estudo. Os aspectos teóricos apresentados no segundo capítulo serão utilizados para confrontar a realidade, buscando responder à questão da pesquisa e confirmar ou não hipótese estabelecida. Também serão apresentadas algumas conclusões importantes para se atingir o objetivo do trabalho, como confirmar ou não, a aderência à realidade, da aplicação dos Fundamentos da Ofensiva pelos comandantes, quais fundamentos foram mais relevantes durante a execução da operação e oportunidades de melhoria para a Doutrina do CFN, que a Operação *Iraqi Freedom* pode fornecer.

4 OS FUNDAMENTOS DA OFENSIVA NA OPERAÇÃO *IRAQI FREEDOM*

No segundo capítulo foi apresentado a Doutrina do CFN e do USMC sobre os Fundamentos da Ofensiva e a Teoria do “Choque e Pavor” de Harlan K. Ullmann e James P. Wade. Esses três modelos foram selecionados para que fosse possível analisar a ofensiva do I MEF à luz da Doutrina dos Fundamentos da Ofensiva e da Teoria do “Choque e Pavor”.

No terceiro capítulo foi apresentada, de uma forma ampla, a ofensiva dos Fuzileiros Navais estadunidenses na Operação *Iraqi Freedom* e, de forma mais detalhada, o planejamento e execução da Operação *The Opening Gambit*. Esta operação estava dentro do contexto da *Iraqi Freedom*, porém foi elaborada para as primeiras 96 horas do combate, que se constituiu na ofensiva do I MEF, da fronteira do Iraque com o Kuwait até o rio Eufrates.

Para que se possa dar continuidade ao estudo, esta seção de texto irá avaliar na primeira parte a hipótese assumida e quais Fundamentos da Ofensiva do USMC não foram incorporados à Doutrina do CFN. Em seguida, com a confirmação da hipótese, será possível avaliar quais os Fundamentos da Ofensiva da Doutrina do CFN foram mais relevantes, durante a participação do USMC na Operação *Iraqi Freedom*, particularmente, na Operação *The Opening Gambit*.

Na terceira parte será apresentado as implicações do conceito de “Choque e Pavor”, explorado na Operação *Iraqi Freedom*, para a manobra do USMC e as oportunidades de melhoria à Doutrina do CFN, no que tange aos Fundamentos da Ofensiva.

4.1 Avaliação da hipótese

A hipótese assumida é de que os Fundamentos da Ofensiva do CFN descritos no manual CGCFN 1-5, por serem semelhantes aos Fundamentos da Ofensiva do USMC, descritos

no manual MCWP 3-01, possam ser aplicáveis ao estudo da participação do USMC na Operação *Iraqi Freedom*, em 2003.

Ao analisar no segundo capítulo os Fundamentos da Ofensiva do CFN e do USMC, verificam-se muitas similaridades. Primeiramente, quanto a origem do conceito, ambos são fruto do estudo de operações ofensivas ao longo do tempo, a partir da aplicação comprovada dos princípios de guerra.

A Doutrina do USMC destaca três pontos importantes em seus fundamentos, que na Doutrina do CFN estão de forma implícita: a natureza ofensiva dos fuzileiros navais, o ritmo de batalha e o foco no inimigo. Esses três aspectos podem ser compreendidos na Doutrina do CFN, por ocasião da apresentação de cada fundamento no capítulo 2, que de forma bem didática explica o que se espera da aplicação de cada um deles.

Como pode-se observar no Quadro 1, do Anexo H, dois Fundamentos da Ofensiva do USMC não estão explicitamente relacionados na Doutrina do CFN: a agressividade e orientação para o objetivo. Isso não invalida a hipótese, pois na definição dos fundamentos 7 e 10, do referido quadro, fica explícito que tanto a iniciativa, quanto a impulsão do ataque são obtidos pelo emprego agressivo do poder de combate e pressão constante sobre o inimigo, o que remete à orientação para o objetivo.

Caso a hipótese fosse invalidada não seria possível prosseguir com o estudo, pois a Doutrina do CFN não teria aderência com o conflito em análise. Com base na análise realizada e os parâmetros de similaridade verificados, do ponto de vista teórico, podemos confirmar a hipótese de que os Fundamentos da Ofensiva do CFN, por serem semelhantes aos Fundamentos da Ofensiva do USMC são aplicáveis ao estudo da participação do USMC na Operação *Iraqi Freedom*.

Pode-se, a partir deste momento, dar continuidade a pesquisa, na busca de atingir o propósito de confrontar os Fundamentos da Ofensiva da Doutrina do CFN, com o emprego do

USMC na Operação *Iraqi Freedom*, em 2003, durante seu deslocamento do Kuwait a Bagdá. Destaca-se que após esse confronto, a hipótese será confirmada novamente no item 4.2 diante de duas realidades, uma no nível operacional, que é toda a ofensiva do I MEF, do Kuwait a Bagdá e outra no nível tático, que é na ofensiva da 1ª Divisão de Fuzileiros Navais, do Kuwait até o rio Eufrates, antes da invasão a capital.

4.2 Os Fundamentos da Ofensiva do CFN na Operação *Iraqi Freedom*

Esta seção fará o confronto dos Fundamentos da Ofensiva sob dois pontos de vista. O primeiro, no nível operacional, confrontará a Doutrina do CFN com a manobra do I MEF, no seu deslocamento do Kuwait a Bagdá. Após essa análise, será feito o confronto da Doutrina do CFN com a manobra da 1ª Divisão de Fuzileiros Navais e suas unidades subordinadas. Esta última será uma análise mais específica dos Fundamentos da Ofensiva no nível tático.

Após o confronto será feita uma análise do resultado. Essa análise será importante para a confirmação da hipótese, comprovando que os Fundamentos da Ofensiva do CFN, por serem semelhantes aos do USMC, são aplicáveis ao conflito em análise.

4.2.1 Análise no nível operacional

Analisando a seção 3.1, verifica que a essência do planejamento da Operação *Iraqi Freedom* era a realização de um ataque rápido e penetrante que conduzisse a força aliada diretamente a capital. Para que isso acontecesse, foi planejado o deslocamento pelo deserto, a partir do Kuwait, onde acreditava-se que haveria pouca resistência inimiga.

No nível operacional os Fundamentos da Ofensiva que estão evidentes e que se pode concluir que influenciaram no planejamento foram: surpreender o oponente, explorar deficiências do inimigo, neutralizar a capacidade de reação do inimigo e agir com rapidez.

Conforme consta na introdução do item 2.1, a aplicação dos fundamentos é de acordo com a situação e o escalão considerado, portanto está adequada a análise.

Nesta primeira análise do planejamento do emprego real da tropa norte-americana com a Doutrina do CFN, a hipótese foi confirmada. Verificou-se a aderência dos conceitos com a realidade. Em que pese nem todos os Fundamentos da Ofensiva do CFN terem sido observados na essência do planejamento.

4.2.2 Análise no nível tático

Ao analisar o planejamento da Operação *The Opening Gambit*, no item 3.2, pode-se observar que toda ação ofensiva realizada pelos elementos de combate da 1ª Divisão de Fuzileiros Navais seguiu o mesmo padrão de procedimento operativo: inteligência; seleção de alvos; fogos de preparação com aviação e artilharia; verificação dos danos com aviação e elementos de reconhecimento; ocupação de posições de bloqueio para evitar possível reforço inimigo; após ou simultâneo a ocupação das posições de bloqueio, é realizado o ataque aos objetivos com a designação do esforço principal e prioridade de fogos.

Outros aspectos importantes na execução da manobra da 1ª Divisão são: não negligenciar as possibilidades do inimigo; a tentativa de negação da surpresa ao inimigo e de surpreendê-lo; o foco no inimigo; o planejamento flexível; a intensa busca por informações sobre o ambiente; o ritmo intenso da batalha para não dar tempo de reação ao inimigo.

A partir da análise acima, pode-se destacar que, todos os Fundamentos da Ofensiva da Doutrina do CFN/ USMC, no nível tático, foram aplicados no planejamento e execução da Operação *The Opening Gambit*. O item 2.1.2 da segunda seção afirma que, muitos dos Fundamentos da Ofensiva estão relacionados e se reforçam. O Quadro 2, Anexo I, apresenta situações claras relacionadas aos Fundamentos da Ofensiva aplicados pelos comandantes durante a ofensiva.

Após a comprovação da aplicabilidade dos Fundamentos da Ofensiva do CFN no nível tático da Operação *Iraqi Freedom*, a hipótese estabelecida passou no terceiro teste e teve sua afirmação confirmada. A seguir será estudado as implicações do “Choque e Pavor” na manobra do I MEF.

4.3 “Choque e Pavor” na Operação *Iraqi Freedom*

O conceito do “Choque e Pavor” foi amplamente defendido pela Força Aérea estadunidense, na campanha do Iraque em 2003, ao defender a realização de ataques muito mais violentos desde o início da crise ou do conflito, a fim de se alcançar uma solução imediata⁴⁵. O efeito produzido pelos ataques aéreos teve implicações na manobra da força terrestre, pois ao analisar o planejamento da Operação *Iraqi Freedom*, um dos seus alicerces era o domínio rápido dos objetivos estabelecidos.

Essa dominância rápida que busca afetar a vontade de resistir do adversário, foi observada pela tropa. Muitos dos elementos da força adversa abandonaram o combate, quando as tropas se aproximavam. Os fuzileiros navais iniciaram oficialmente a invasão ao Iraque em 20 de março de 2003 e Bagdá estava formalmente protegida pelas forças EUA em 9 de abril de 2003.

Ao analisar a ofensiva do I MEF do Kuwait a Bagdá observa-se o conceito do “Choque e Pavor” muito mais arraigado ao nível operacional do que o nível tático. Isso pode ser entendido, quando é observado a prioridade dada a busca de informações sobre o inimigo, sobre o ambiente e os efeitos produzidos pelo ataque, pela rapidez, pelo brilho na execução da manobra e a busca pelo controle e gerenciamento de todo ambiente operacional. Essas quatro

⁴⁵ COUTAU-BÉGARIE, Hervé. *Tratado de estratégia*. Tradução de Brigitte Bentolila de Assis Manso et al. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2010. 760 p.

características perseguidas intensamente pelo comando do I MEF, são as quatro características que uma força militar de Domínio Rápido deve ter, segundo Ullmann e Wade (1996).

Em que pese o fato da Teoria do “Choque e Pavor” ter permitido alcançar os objetivos táticos e operacionais rapidamente, os objetivos políticos e estratégicos não foram na mesma velocidade. As tropas dos EUA permaneceram durante vários anos no Iraque, conduzindo operações de estabilização.

Observa-se que a Teoria do “Choque e Pavor” não trouxe oportunidades de melhoria a Doutrina dos Fundamentos da Ofensiva, em virtude de não se encontrar na operação estudada, fatos que possam criar a aderência de novos conceitos aos fundamentos. No Quadro 3, Anexo J, verifica-se que as bases conceituais da dominância rápida podem ser relacionadas aos Fundamentos da Ofensiva do CFN.

No estudo do livro de Harlan K. Ullmann e James P. Wade, destaca-se o incentivo ao uso da superioridade tecnológica das forças armadas norte-americanas, para provocar o efeito do “Choque e Pavor”. Destaca-se também, a preocupação de exemplificar que tipo de tecnologia é possível ser utilizada para atingir a dominância rápida.

Na seção seguinte, finalizando o estudo, será apresentado a conclusão geral da pesquisa.

5 CONCLUSÃO

A escolha da participação do USMC na Operação *Iraqi Freedom*, em 2003, decorreu da intenção de estudar os Fundamentos da Ofensiva, previstos na Doutrina de Operações Terrestres de Caráter Naval. Em que pese o fato de haver discordâncias doutrinárias quanto ao emprego dos Fuzileiros Navais estadunidenses no Iraque, pelo fato da ausência de objetivos navais.

A opção por analisar a ofensiva realizada pelo I MEF no deslocamento do Kuwait a Bagdá e aprofundar o estudo desta ofensiva na Operação *The Opening Gambit*, que se desenvolveu da fronteira do Kuwait com o Iraque até o rio Eufrates, teve o intuito de identificar um padrão na manobra da 1ª Divisão de Fuzileiros Navais.

Se fosse considerado um estudo detalhado de toda a ofensiva dos Fuzileiros Navais estadunidenses no Iraque, o estudo seria muito mais complexo e talvez não chegasse a um resultado satisfatório. A análise dos Fundamentos da Ofensiva do CFN aplicados pelos comandantes na fase de preparação e conquista dos objetivos iniciais, constituíram uma rica fonte de ensinamentos.

Na introdução foi delimitado o cenário da pesquisa. Deste cenário foi extraído a Doutrina e Teoria consideradas no estudo. Além disso, foram delimitados o objeto, a questão central da pesquisa, o propósito de estudar a participação do USMC na Operação *Iraqi Freedom*, a hipótese e outras questões importantes para a análise.

No segundo capítulo foi apresentado o amparo doutrinário e teórico utilizado no desenvolvimento da pesquisa. No terceiro capítulo foi apresentado o cenário a ser estudado, particularizando este para o que seria de interesse no estudo. No quarto capítulo, a hipótese foi avaliada, segundo os parâmetros estabelecidos e foi confirmada a validade de estudar a manobra do I MEF à luz dos Fundamentos da Ofensiva do CFN.

Esse resultado confirmou a resposta assumida da questão de pesquisa, permitindo prosseguir na análise e confrontar os Fundamentos da Ofensiva da Doutrina do CFN com o emprego do USMC na Operação *Iraqi Freedom*, em 2003, durante seu deslocamento do Kuwait a Bagdá. A seguir será apresentado uma síntese das conclusões.

A proposta do segundo capítulo foi apresentar os Fundamentos da Ofensiva, segundo CFN e o USMC, e apresentar o conceito teórico do “Choque e Pavor”. Também foi feito um breve comentário sobre a ausência dessa Doutrina no Exército estadunidense, o que caracteriza os Fundamentos da Ofensiva como uma Doutrina exclusiva do USMC, incorporada ao CFN.

Os conceitos apresentados permitiram estabelecer as ideias centrais de cada um deles, e os parâmetros de qualificação que orientaram a avaliação da hipótese. Permitiram também extrair elementos de interesse ao desenvolvimento da pesquisa.

A ideia central dos Fundamentos da Ofensiva segundo a Doutrina do CFN e do USMC são muito semelhantes. Pode-se descrever a seguinte ideia: realizar um planejamento flexível que permita explorar o êxito das ações e as deficiências do inimigo, neutralizar sua capacidade de reação e obter e manter a iniciativa com segurança. De semelhante modo, a consciência situacional deve ser a mais próxima da realidade, para que permita decidir com rapidez, surpreender o oponente e concentrar poder de combate no momento e local oportuno.

Cabe ressaltar que o USMC é mais sucinto em definir seus fundamentos. Ele afirma que sua filosofia de combate é de natureza ofensiva. O seu foco deve ser o inimigo e baseia-se no ritmo de batalha para tomar a iniciativa e degradar a resistência inimiga.

A ideia central do “Choque e Pavor” é o domínio rápido. Fazendo uso da superioridade tecnológica estadunidense, empregar uma força avassaladora desde o início do combate, para atingir a percepção do adversário e fazê-lo desistir de lutar.

A força militar de Domínio Rápido deverá possuir quatro características para impor o “Choque e Pavor”. O conhecimento e a compreensão de si mesmo, do adversário e do ambiente; rapidez e pontualidade na aplicação; brilho operacional na execução; e controle e gerenciamento de todo o ambiente operacional.

A proposta do terceiro capítulo foi apresentar a participação do I MEF na Operação *Iraqi Freedom* em 2003, durante seu deslocamento do Kuwait a Bagdá. Por ter sido uma manobra muito complexa, que envolveu diversas unidades e uma intensa coordenação, a abordagem foi dividida em três seções.

Na primeira seção, foi abordado a Operação *Iraqi Freedom* de forma mais ampla, com a finalidade de contextualizar o emprego dos fuzileiros navais na operação. Foi apresentado a composição do I MEF, com fuzileiros navais oriundos da “Costa Leste” e da “Costa Oeste” dos EUA. Ficou destacado a capacidade de projeção de poder sobre terra da Marinha e do Corpo de Fuzileiros Navais estadunidense, com a travessia realizada pela FT Tarawa, da “Costa Leste” até o “Oriente Médio”.

A essência do planejamento da operação era realizar um ataque rápido e penetrante que conduzisse as tropas do Kuwait diretamente a Bagdá. Para que isso acontecesse, foram empregados meios que pudessem ampliar o comando e controle, a inteligência, a mobilidade, o apoio de fogo e a blindagem das tropas. Em uma análise da estratégia da operação, ficou claro que o conceito teórico do “Choque e Pavor” e o Domínio Rápido balizou o planejamento.

Na segunda seção, foi apresentado o plano operacional *The Opening Gambit*. Esta operação foi planejada para as primeiras 96 horas do combate, terminando com a 1ª Divisão de Fuzileiros Navais pronta para continuar o ataque ao norte do Rio Eufrates. Em virtude das limitações da pesquisa, não foi possível abordar todo o ataque, da fronteira do Kuwait a Bagdá. Contudo, o nível de detalhamento apresentado na análise da operação que vai até o Rio Eufrates, permitiu alcançar o objetivo do trabalho no capítulo seguinte.

No planejamento desta operação, os conceitos da Teoria do “Choque e Pavor” ficaram evidentes. A manobra rápida exigida dos elementos de combate, era precedida dos elementos de reconhecimento e de apoio de fogo. O conhecimento do ambiente e do inimigo, aliado à rapidez e perfeição na execução da manobra, só foi possível devido a grande capacidade de controle e gerenciamento do ambiente operacional.

A força avassaladora empregada na operação foi o I MEF. Essa força com incomparável superioridade tecnológica em relação ao inimigo, foi planejada para conquistar rapidamente os objetivos, atingir a percepção do adversário e fazê-lo desistir de lutar.

A terceira seção, abordou a execução da Operação *The Opening Gambit*. Esta operação traduziu bem o caráter ofensivo dos fuzileiros navais, o foco no inimigo e a preocupação constante com o ritmo de batalha para manter a iniciativa do ataque e degradar o oponente. Também foi apresentado com mais detalhes a composição e a manobra dos elementos de combate, nos quais destacou-se o RCT-5 e o RCT-7.

A proposta do quarto capítulo foi estudar a Operação *Iraqi Freedom*, à luz dos Fundamentos da Ofensiva e avaliar a hipótese segundo os parâmetros estabelecidos. Em seguida, analisar a mesma operação à luz da Teoria do “Choque e Pavor”, verificando oportunidades de melhoria na Doutrina dos Fundamentos da Ofensiva do CFN. Para tal, este capítulo foi dividido em três seções.

Na primeira seção, foi avaliada a hipótese de que os Fundamentos da Ofensiva do CFN, descritos no manual CGCFN 1-5, por serem semelhantes aos Fundamentos da Ofensiva do USMC, descritos no manual MCWP 3-01, podem ser aplicáveis ao estudo da participação do USMC na Operação *Iraqi Freedom*, em 2003. Como resultado da avaliação da hipótese, verificou-se que os Fundamentos da Ofensiva do CFN encontram aderência com a ação do USMC na invasão ao Iraque.

Na segunda seção desse capítulo, foi estudado a aplicação dos Fundamentos da Ofensiva do CFN no nível operacional, com a análise da ofensiva do I MEF do Kuwait a Bagdá, e no nível tático, com a ofensiva da 1ª Divisão de Fuzileiros Navais, na Operação de *The Opening Gambit*. Em virtude da riqueza de detalhes na análise do nível tático, esta teve que ser limitada à ofensiva até o rio Eufrates.

Na terceira seção desse capítulo, buscou-se uma relação da Teoria de “Choque e Pavor” com os Fundamentos da Ofensiva do CFN aplicados na ofensiva contra o Iraque, na tentativa de encontrar oportunidades de melhoria a Doutrina do CFN. Não foram encontradas oportunidades de melhoria, mas confirmou-se a Doutrina. Verificou-se que uma nova teoria não invalida conceitos básicos da ofensiva, ainda aplicáveis em operações militares contemporâneas.

A pesquisa realizada, demonstrou que os Fundamentos da Ofensiva do CFN e do USMC são muito semelhantes. Embora haja dois fundamentos na Doutrina estadunidense não absorvidos de forma literal pelo CFN, agressividade e orientação para o inimigo, eles estão absorvidos por outros dois fundamentos: obter e manter a iniciativa e manter a impulsão do ataque.

Foi visto que a Teoria do “Choque e Pavor” e o conceito da Dominância Rápida, apresenta quatro características que definem a força militar de Domínio Rápido: o conhecimento e a compreensão de si mesmo, do adversário e do ambiente; rapidez e pontualidade na aplicação; brilho operacional na execução; e (quase) controle total e gerenciamento de todo o ambiente operacional. Essas características podem ser enquadradas nos Fundamentos da Ofensiva, não apresentando uma novidade doutrinária.

A pesquisa indicou que os Fundamentos da Ofensiva são aplicáveis tanto no nível tático, quanto no nível operacional, porém no nível tático eles são mais tangíveis. A Teoria do “Choque e Pavor” utilizada nessa campanha do Iraque ficou ressaltada pelo rápido domínio

estadunidense dos objetivos militares, mas os objetivos estratégicos e políticos não foram conquistados em curto prazo. Essa análise poderá ser feita em estudos futuros, pois a presente pesquisa não aprofundou o assunto.

A questão colocada foi: Houve aderência do emprego do USMC na Operação *Iraqi Freedom* aos Fundamentos da Ofensiva do CFN? A pesquisa permitiu concluir a veracidade da hipótese, ou seja, os Fundamentos da Ofensiva do CFN, por serem semelhantes aos Fundamentos da Ofensiva do USMC, podem ser aplicáveis ao estudo da participação do USMC na Operação *Iraqi Freedom*, em 2003.

Tão importante quanto a conclusão da pesquisa é o que ela sugere. Ela sugere a importância da aplicação dos Fundamentos da Ofensiva nas Operações Terrestres de Caráter Naval, quando essa Força Naval estiver projetando poder sobre terra, para conquistar objetivos que contribuirão para a missão atribuída a ela. Os Fuzileiros Navais são a tropa de elite indissociável da Marinha do Brasil, de caráter expedicionário, ofensivo por sua natureza e flexibilidade, sendo um importante ator de dissuasão para a Segurança e Defesa Nacional.

REFERÊNCIAS

BBC News. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/1/1/shared/spl/hi/middle_east/03/v3_iraq_key_maps/html/attack_options_1.stm> Acesso em: 18 jun. 2021.

BRASIL. Comando Geral do Corpo de Fuzileiros Navais. CGCFN-1-5. Manual de Operações Terrestres de Caráter Naval. Rio de Janeiro: Marinha do Brasil, 2020. 201 p.

BRASIL. Ministério da Defesa. MD33-M-02. Manual de Abreviaturas, Siglas, Símbolos e Convenções Cartográficas das Forças Armadas. Brasília: Ministério da Defesa, 2008. 338 p.

BRASIL. Ministério da Defesa. MD35-G-01. Glossário das Forças Armadas. Brasília: Ministério da Defesa, 2015. 292 p.

CLAUSEWITZ, Carl Von. Da Guerra. Tradução para o inglês, Michael Howard e Peter Paret. Tradução do inglês para o português, CMG (RRm) Luiz Carlos Nascimento e Silva do Valle. Rio de Janeiro, 1984. 857p. Título original: Von Kriege.

COUTAU-BÉGARIE, Hervé. Tratado de estratégia. Tradução de Brigitte Bentolila de Assis Manso et al. Rio de Janeiro: Escola de Guerra Naval, 2010. 760 p.

DICIONÁRIO CAMBRIDGE INGLÊS-PORTUGUÊS. Cambridge: Cambridge University Press, 2021. Disponível em: <<https://dictionary.cambridge.org/pt/dicionario/ingles-portugues/stealth>>. Acesso em: 7 Ago. 2021.

KENEDY, Christopher M. *et al. U.S. MARINES IN IRAQ, 2003: ANTHOLOGY AND ANNOTATED BIBLIOGRAPHY: U.S. Marines in the Global War on Terrorism*. Washington, D.C: History Division United States Marine Corps, 2006. 359 p.

GAZETA ON LINE. 16 DEZ 2011. Disponível em: < [http:// gazetaonline.globo.com/_conteudo/2011/12/noticias/minuto_a_minuto/internacional/1060917-eua-encerram-guerra-do-iraque-sem-citar-vitoria.html](http://gazetaonline.globo.com/_conteudo/2011/12/noticias/minuto_a_minuto/internacional/1060917-eua-encerram-guerra-do-iraque-sem-citar-vitoria.html)> Acesso em: 26 JUN 2021.

GROEN, Michael S. *With the 1st Marine Division in Iraq, 2003: No Greater Friend, No Worse Enemy*. Virginia: History Division Marine Corps University, 2006. 429 p.

SPEARS, Richard A. *Mcgraw-Hill's Dictionary of American Idoms And Phrasal Verbs. 1. ed. McGraw-Hill Education*, 2006. 1104 p.

SUNT ZU. A Arte da Guerra. Direitos da (BY-NC-ND)1. ed. Instituição Cultura Brasil, 2010. 58 p.

USA. *Marine Corps Warfighting Publication (MCWP) 3-01. Táticas Ofensivas e Defensivas*. Washington, D.C: Quartel General do Corpo de Fuzileiros Navais dos Estados Unidos da América, 2019. 435 p.

USA. *Army Doctrine Publication (ADP) 3-90ADP 3-90. Ofensiva e Defensiva*. Washington, D.C: Quartel General do Departamento do Exército, 2019. 108 p.

ANEXOS

ANEXO A

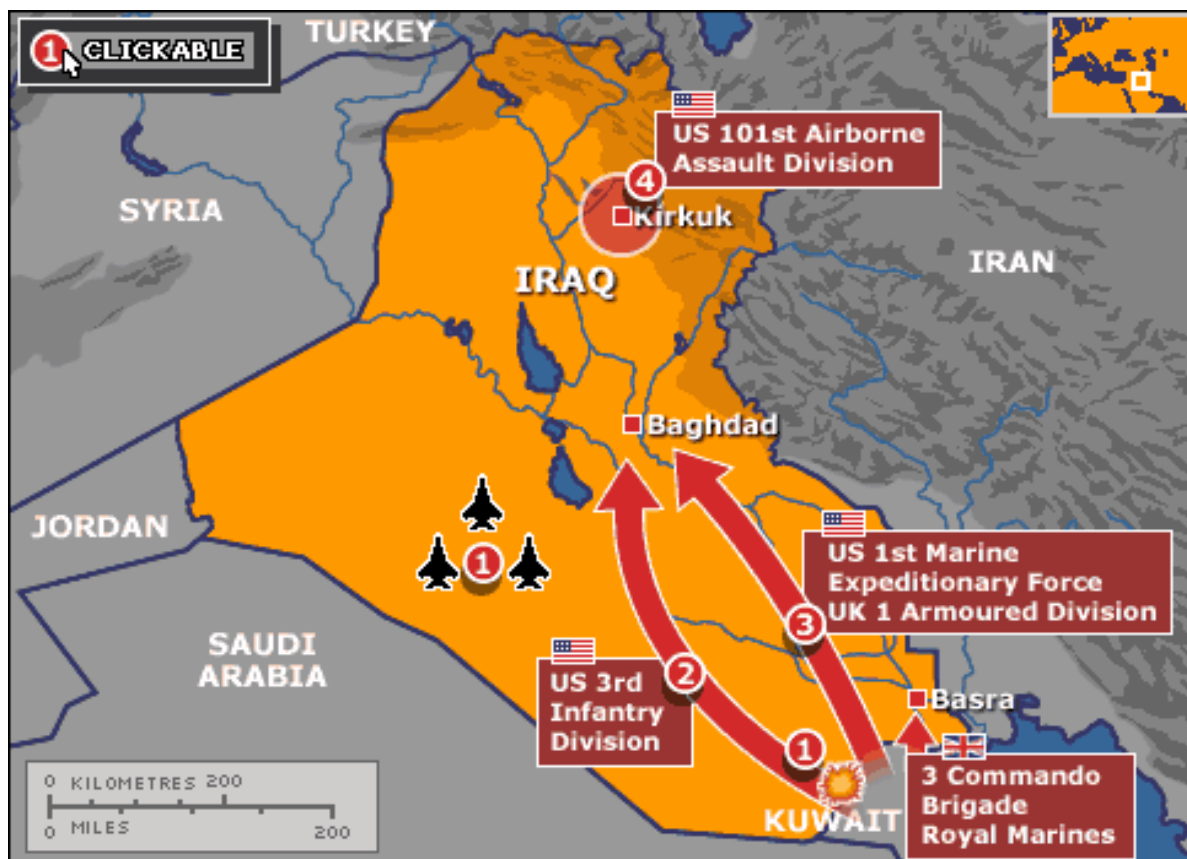


FIGURA 1- Manobra da 3ª Divisão de Infantaria, do I MEF e 1ª Divisão Blindada Britânica.

Fonte: BBC News. Disponível em: <http://news.bbc.co.uk/1/hi/middle_east/03/v3_iraq_key_maps/html/attack_options_1.stm> Acesso em: 18 jun. 2021.

ANEXO B

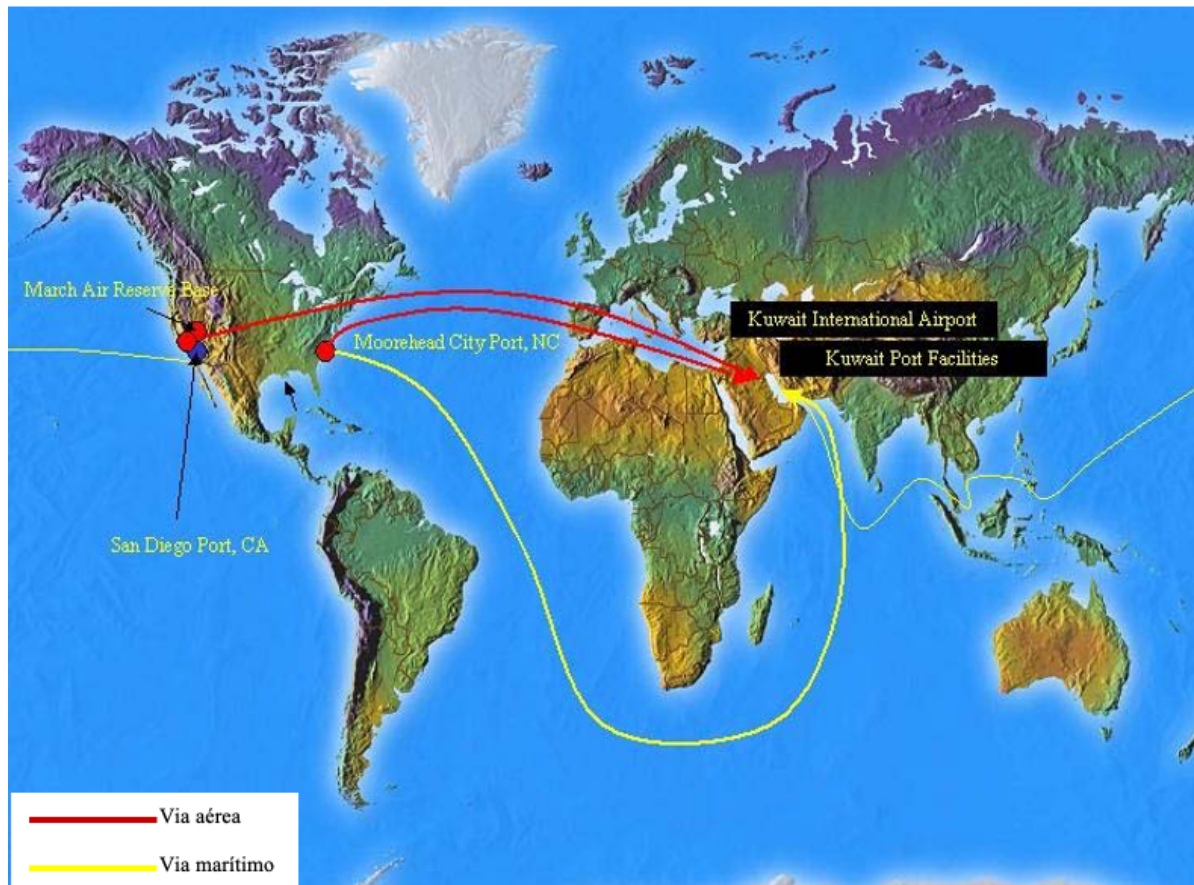
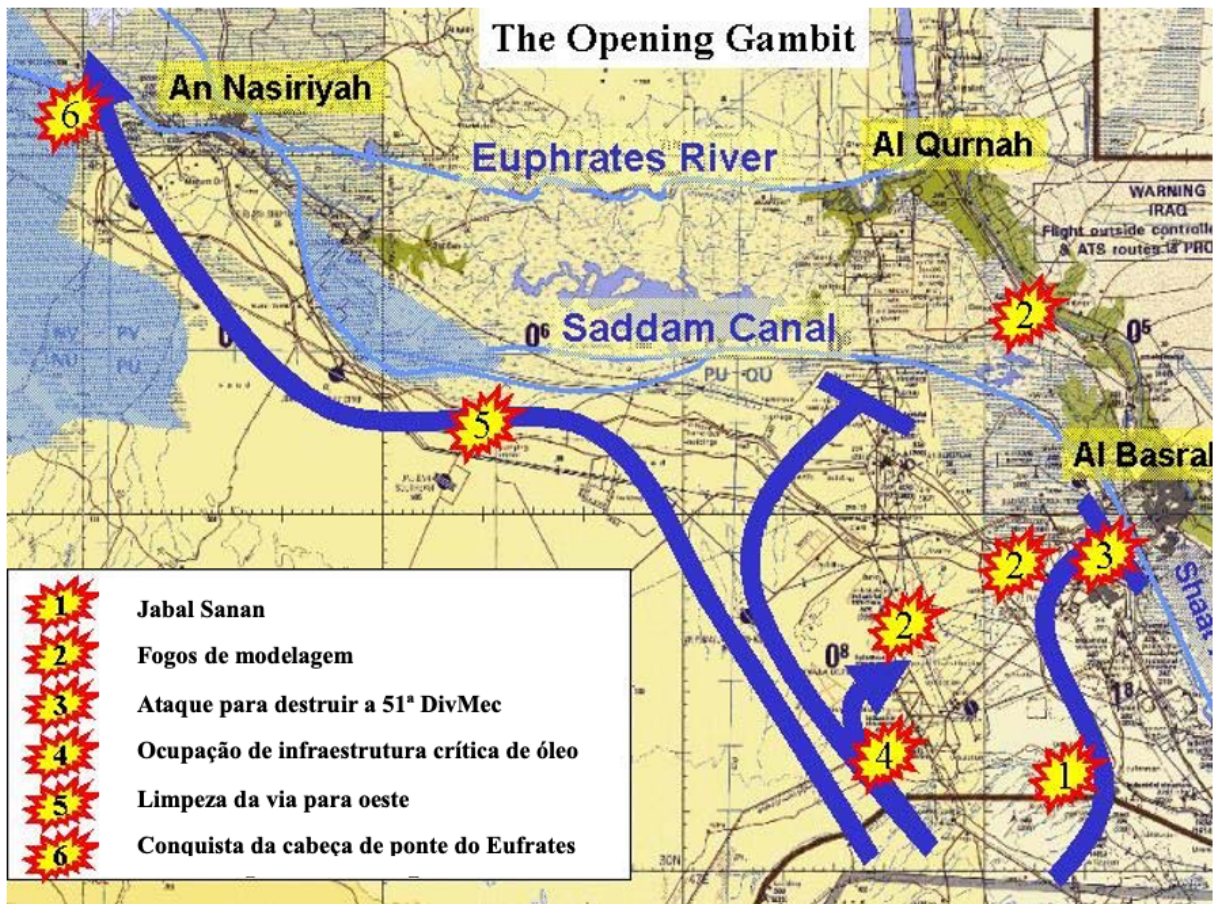


FIGURA 2- As unidades deveriam ser enviadas para o Kuwait a partir de portos, bases e estações aéreas da costa leste e oeste.

Fonte: GROEN, 2006, p. 19.

ANEXO C

FIGURA 3 - O plano operacional “*The Opening Gambit*”.

Fonte: GROEN, 2006, p. 55.

ANEXO D

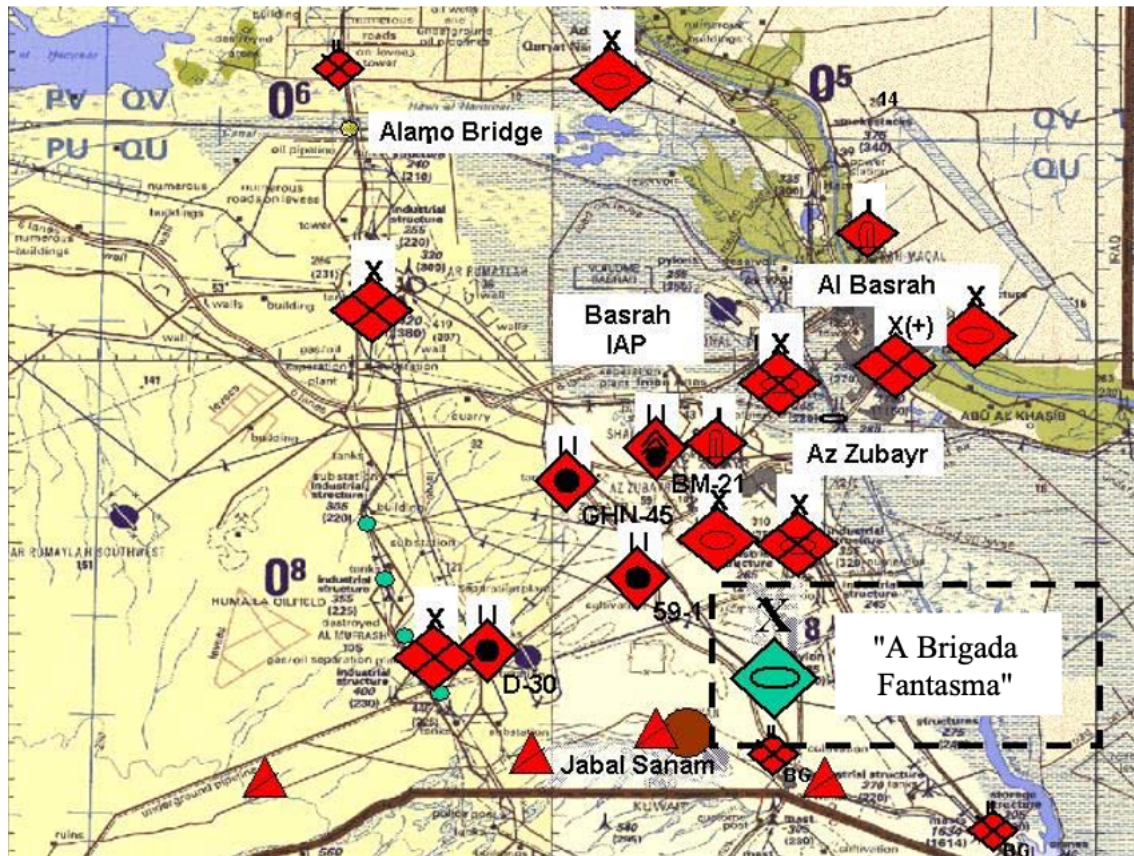


FIGURA 4 - Posicionamento inimigo na zona de ação da 1ª Divisão.
 Fonte: GROEN, 2006, p. 138.

ANEXO E

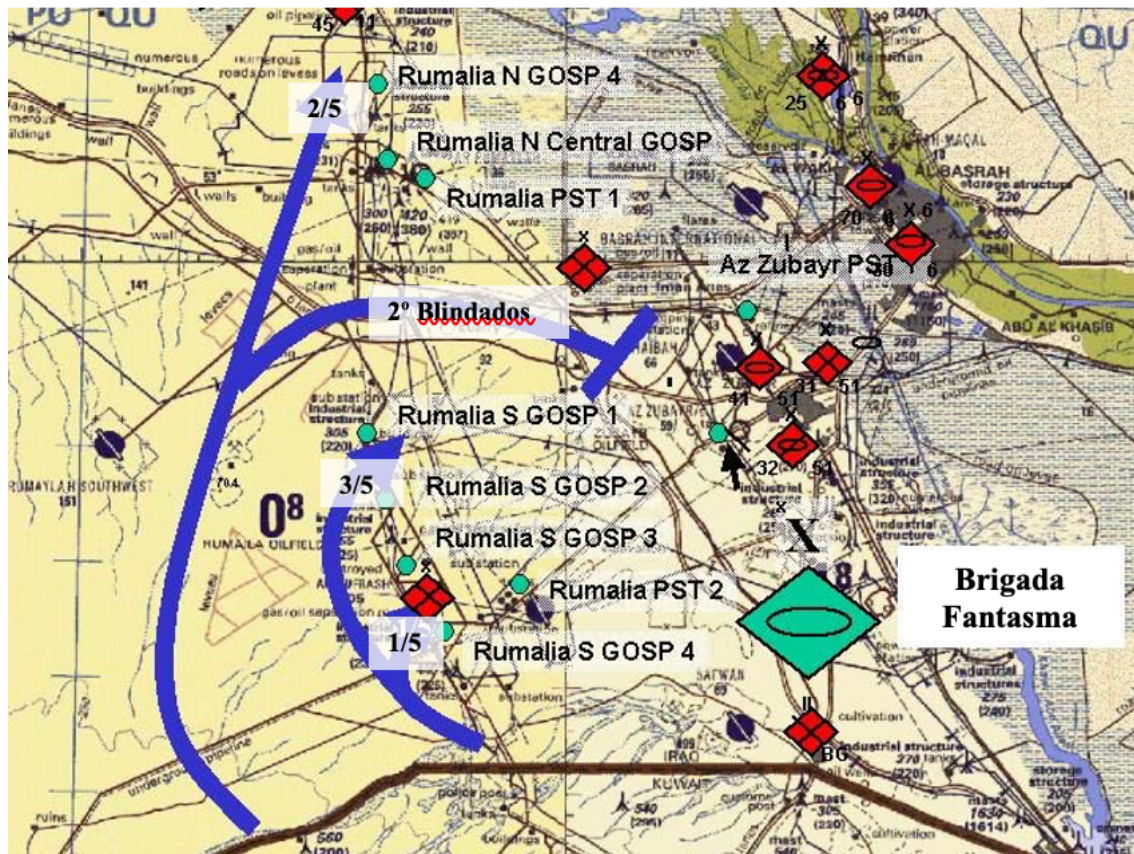


FIGURA 5- O plano do *Regimental Combat Team -5*.

Fonte: GROEN, 2006, p. 149.

ANEXO F

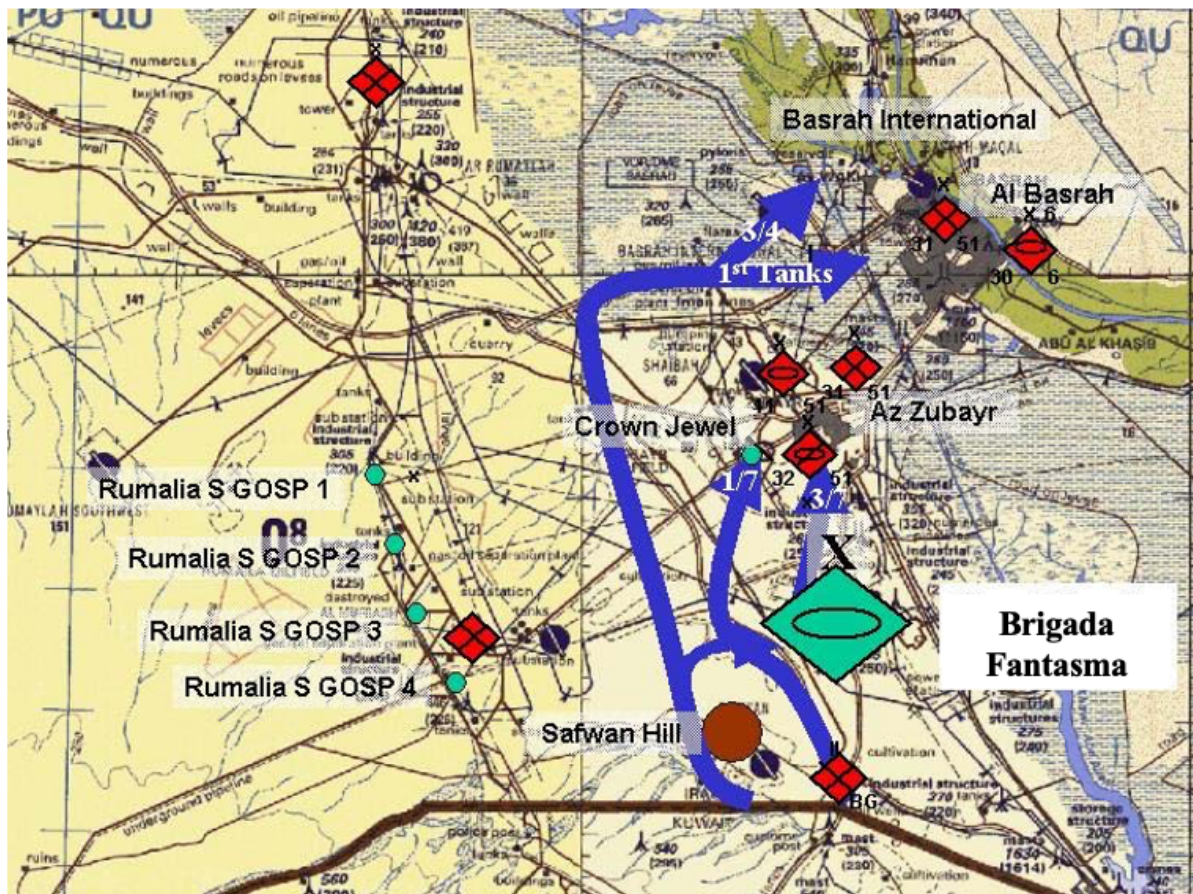


FIGURA 6 - O ataque do *Regimental Combat Team -7*.
 Fonte: GROEN, 2006, p.155.

ANEXO G

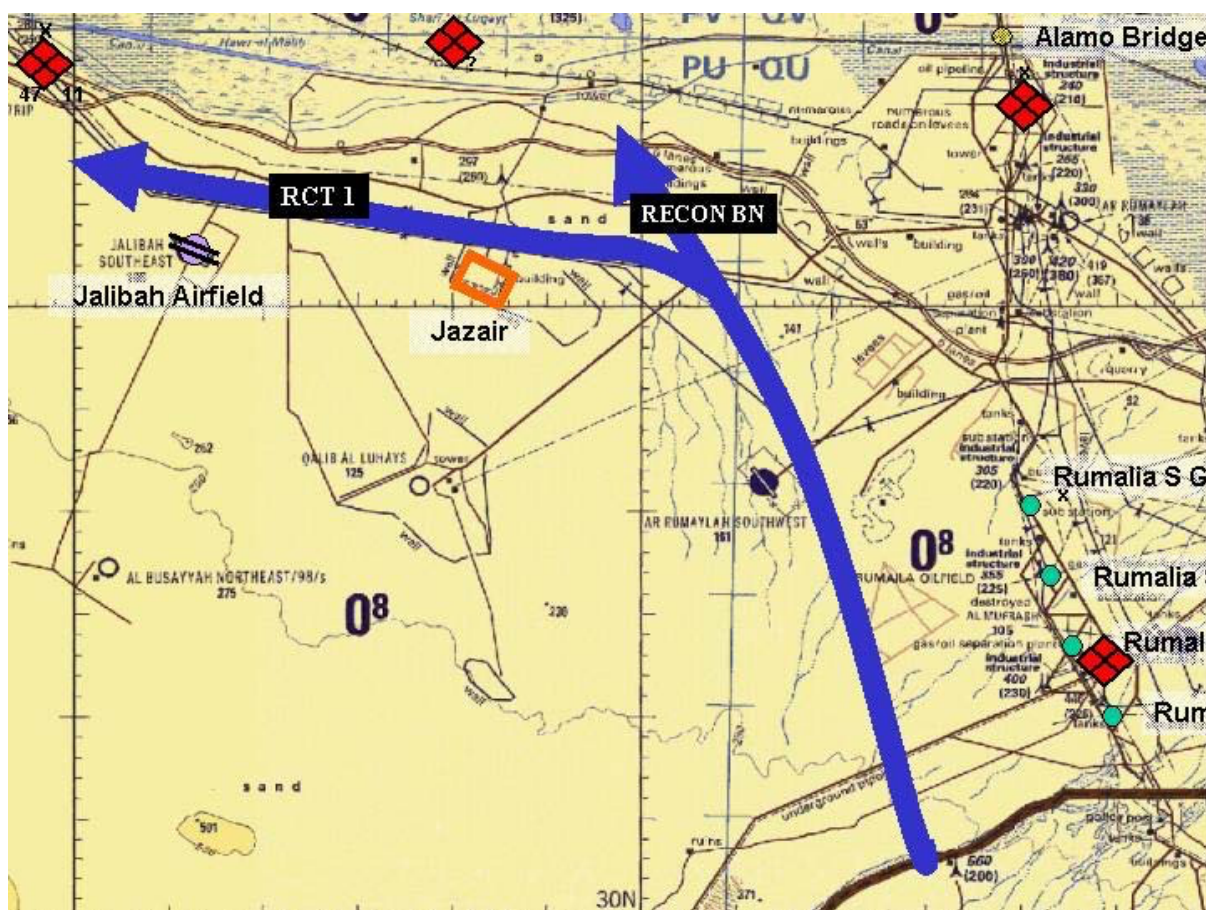


FIGURA 7- O *Regimental Combat Team-1* e o 1º Batalhão de Reconhecimento liberados a oeste do RCT-5 e RCT-7, permitindo à Divisão manter o ímpeto do ataque ao Eufrates.

Fonte: GROEN, 2006, p.161.

ANEXO H

QUADRO 1

Comparação dos fundamentos da ofensiva do CFN e do USMC

FUNDAMENTOS DA OFENSIVA		
Nº	CFN	USMC
1	Obter e manter o contato	Obter e manter o contato
2	Esclarecer a situação	Esclarecer a situação
3	Concentrar poder de combate	Concentração de poder de combate superior no momento e nos locais decisivos
4	Surpreender o oponente	Surpreender o oponente
5	Explorar deficiências do inimigo	Explorar as fraquezas conhecidas do inimigo
6	Controlar acidentes capitais	Aproveitar e controlar os acidentes capitais
7	Obter e manter a iniciativa	Obter e manter a iniciativa
8	Neutralizar a capacidade de reação do inimigo	Neutralizar a capacidade de reação do inimigo
9	Progredir pelo fogo e movimento	Progredir pelo fogo e movimento
10	Manter a impulsão do ataque	Manter a impulsão do ataque
11	Agir com rapidez	Agir com rapidez
12	Explorar o êxito	Explorar o êxito
13	Manter a segurança	Manter a segurança da força
14	Flexibilidade no planejamento	Flexibilidade
15	-	Agressividade
16	-	Orientação para o inimigo

ANEXO I

QUADRO 2

Exemplos da aplicação dos Fundamentos da Ofensiva no nível tático.

FUNDAMENTOS DA OFENSIVA		
Nº	CFN	SITUAÇÃO
1	Obter e manter o contato	No dia 21 de março de 2003, enquanto o RCT-5 estava engajado nos campos de petróleo de <i>Rumaylah</i> do Sul, a Divisão emitiu uma O Frag determinando o RCT-7 atacar para destruir a 51ª Divisão de Infantaria Mecanizada, a fim de evitar a retirada desta unidade para <i>Al Basrah</i> .
2	Esclarecer a situação	A inteligência conseguiu levantar um relatório completo do dispositivo inimigo e identificar a maior parte dos equipamentos da 51ª Divisão de Infantaria Mecanizada, sem detectar nenhum reforço relevante.
3	Concentrar poder de combate	A hora do ataque foi definida para 0300Z do dia 21 de março. O 11º Regimento de Artilharia de Fuzileiros Navais apoiou o ataque do RCT-7, que neste momento era o esforço principal e tinha a prioridade de fogos.
4	Surpreender o oponente	O Batalhão de Reconhecimento operaria no flanco norte da Divisão, negando a surpresa ao inimigo, enquanto a Divisão se deslocaria para o oeste, na direção das pontes de <i>An Nasiriyah</i> .
5	Explorar deficiências do inimigo	Segundo Groen (2006) havia pouca resistência inimiga. O que se encontrava no caminho eram equipamentos abandonados

		e soldados iraquianos assustados, tentando se render ou fugir trajando roupas civis.
6	Controlar acidentes capitais	O conceito da operação começava pela destruição dos meios de reconhecimento iraquianos em <i>Jabal Sanan</i> ⁴⁶ , com a intenção de cegar o inimigo. Os ataques seriam seguidos pelos pelotões de reconhecimento da Força e unidades de reconhecimento blindadas, para garantir que todos os postos de vigilância da Guarda de Fronteira iraquiana seriam neutralizados. (GROEN, 2006).
7	Obter e manter a iniciativa	O PC principal comandaria e controlaria a invasão ao Iraque, localizado nas melhores condições de comunicação e controle possíveis e com os elementos de manobra amplamente dispersos.
8	Neutralizar a capacidade de reação do inimigo	Uma série de fogos de preparação contra a artilharia inimiga seriam conduzidos, com a intenção de destruir todos os meios restantes de apoio de fogo indireto do inimigo, que pudessem interferir na manobra da Divisão. (GROEN, 2006).
9	Progredir pelo fogo e movimento	A elevação <i>Jabal Sanan</i> foi atingida repetidamente à tarde e à noite por ataque de asa fixa. Esses ataques eram seguidos por aeronaves de asa rotativa, que se aproximavam para verificar se ainda havia inimigos nos postos de observação e postos fixos da guarda de fronteira iraquiana. O 11º

⁴⁶ *Jabal Sanan* ou '*Safwan Hill*' era um acidente capital no terreno ao sul do Iraque, dando aos iraquianos dando observação de 30 quilômetros até o Kuwait. A Divisão deu grande ênfase à destruição das forças iraquianas que ocupavam essas alturas.

		Regimento de Artilharia dos Fuzileiros Navais precedeu o ataque do RCT-5 com 30 minutos de fogos de preparação nas posições da artilharia inimiga.
10	Manter a impulsão do ataque	Com a oportunidade de conquistar as infraestruturas de petróleo intactas e destruir a Brigada da Guarda Republicana, os dois decidiram por antecipar o ataque.
11	Agir com rapidez	A rapidez do ataque seria seguida pela rapidez da substituição em posição. A 1ª Divisão Blindada do Reino Unido se deslocaria imediatamente para desengajar a Divisão do campo de batalha ao sul e a oeste da hidrovia de <i>Shaat al Basrah</i> , permitindo que esta continuasse mantendo a iniciativa do ataque em direção ao Eufrates.
12	Explorar o êxito	No flanco oriental, a Brigada de Comandos 3 da 1ª Divisão do Reino Unido e a 15ª Unidade Expedicionária de Fuzileiros Navais, nucleada pelo 2º Batalhão da 1ª Divisão de Fuzileiros Navais conquistaram com sucesso o terminal de petróleo offshore de <i>Mina-al Bakr</i> e os diversos oleodutos da península de <i>Al Faw</i> , no Golfo Pérsico. Em virtude do sucesso desta operação, era imperativo que o I MEF liberasse a Divisão para iniciar o ataque, antes que os iraquianos comesçassem a sabotar as infraestruturas de petróleo de <i>Rumaylah</i> do Sul.
13	Manter a segurança	Se os critérios estabelecidos no planejamento fossem atendidos, o RCT-5 também lançaria um ataque

		helitransportado de batalhão, para uma posição de bloqueio no lado sul da ponte <i>Alamo</i>, voltada para o norte, alternativamente, esse ataque seria por meios terrestres. Os demais elementos do RCT-5 fariam rapidamente a ligação com essa força a fim de impedir qualquer reforço ou fuga da 51ª Divisão Mecanizada na área de <i>Rumaylah</i>. Caso essa ação fosse adiada, o RCT-7 precisaria proteger seu flanco norte antes de conquistar o complexo da estação de bombeamento <i>Az Zubayr</i>. (GROEN, 2006).
14	Flexibilidade no planejamento	Graças a flexibilidade do planejamento, o plano que havia sido elaborado por meses, foi rapidamente ajustado para atender à realidade do campo de batalha.

ANEXO J

QUADRO 3

Quadro comparativo entre os Fundamentos da Ofensiva e o "Choque e Pavor".

Nº	FUNDAMENTOS DA OFENSIVA	CHOQUE E PAVOR
1	Obter e manter o contato	Brilho operacional na execução
2	Esclarecer a situação	O conhecimento quase total ou absoluto e compreensão de si mesmo, do adversário e do ambiente
3	Concentrar poder de combate	Brilho operacional na execução
4	Surpreender o oponente	Brilho operacional na execução
5	Explorar deficiências do inimigo	Brilho operacional na execução
6	Controlar acidentes capitais	Brilho operacional na execução
7	Obter e manter a iniciativa	Brilho operacional na execução
8	Neutralizar a capacidade de reação do inimigo	Brilho operacional na execução
9	Progredir pelo fogo e movimento	Brilho operacional na execução
10	Manter a impulsão do ataque	Brilho operacional na execução
11	Agir com rapidez	Rapidez e pontualidade na aplicação;
12	Explorar o êxito	Brilho operacional na execução
13	Manter a segurança	Brilho operacional na execução
14	Flexibilidade no planejamento	Controle total e gerenciamento de todo o ambiente operacional